

# O RASTRO DA SERPENTE

Larissa Prado



# O Rastro da Serpente

Larissa Prado

“The Serpent Trail” by Mila Rosha (@ mila.rosha)



© Larissa Prado, 2019

**O Rastro da Serpente**

**Revisão** | Camila Ceccato

**Ilustração** | Mila Rosha

**Diagramação** | Karen Alvares

**Capa** | Leandro Aguilar

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Essa é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real é mera coincidência.

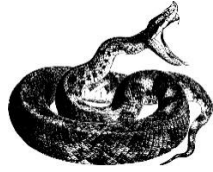
Obscuro | Larissa Prado – Goiânia, 2018

I. Contos II. Literatura de horror III. Ebook

[2019]

Todos os direitos reservados.

# Capítulos



1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

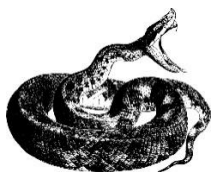
14

15

16

Autora

# 1



Kyra não sabia como seria o fim daquele dia, mas podia imaginar. Conservando sempre pensamentos pessimistas, esperava o pior: não iria conseguir o empréstimo bancário. Enquanto esperava a sua senha aparecer no painel localizado sobre as cabeças dos gerentes, ela balançava o pé sem perceber que os movimentos se tornavam mais rápidos e incontroláveis.

*Síndrome das pernas inquietas*, era assim que seu médico chamava aquela mania de mover as pernas sem perceber. Quando percebia que estava chacoalhando, logo parava. Aguardando na cadeira enquanto a sua senha se aproximava, percebeu o movimento e não parou. Ela encarava a gerente que a chamaria com apreensão crescente. Mais um empréstimo depois de tantos. Não daria certo, ela sabia. Não custava tentar. Como diria seu ex-marido, “Quem arrisca não petisca”.

Kyra viu sua senha brilhar no painel, então, sentou-se em frente à gerente como se fosse encarar uma sessão de interrogatório. Sentia-se culpada, como se aquela situação financeira decadente fosse culpa sua. E era, de fato, mas não totalmente.

Ela saiu perdendo no processo de divórcio, o ex-marido era um advogado bem-sucedido. Ele ficou com propriedades e ainda tirou muito dinheiro dela, mesmo sabendo que ela não ganhava bem ensinando crianças. Tudo isso aos olhos dela sugeria um ato de vingança por conta do fiasco que tinha sido o casamento, como se ele a culpasse por isso. Ela sentia, continuamente, que sua culpa em relação a tudo a perseguia como uma sombra e pesava em seus ombros proporcionando hérnias de disco na coluna desalinhada.

A gerente digitava no computador e não falava nada, o que aumentava a ansiedade de Kyra a um nível insuportável. Ela começou a roer as unhas, readquirindo o velho mau hábito. Só parou quando a mulher virou a cadeira em sua direção e disse o que a cliente sabia assim que entrou pela porta do banco: “Infelizmente, senhora, não é possível realizar

esse empréstimo no momento, mas...” Começou a sugerir outras saídas, mas como Kyra precisava do dinheiro com urgência, não prestou atenção no que a gerente falava e despediu-se prometendo a si mesma que não voltaria mais ali para isso. Ela alcançou a porta giratória do banco sentindo-se perdida e derrotada. O dia nublou de repente, quando ela chegou lá o sol brilhava e as nuvens estavam limpas num branco reluzente. Até o tempo parecia mostrar a ela que os dias negros continuariam. Atravessou a rua na direção do carro sentindo as primeiras gotas de chuva fria.

No caminho para casa, Kyra ligou o som e o CD que estava ali há dias tocava uma de suas músicas preferidas: *Skyline Pigeon* enchia o carro na voz de Elton John. Por um instante, ela esqueceu-se das parcelas atrasadas do automóvel que dirigia e as contas que acumulava sobre a mesa da cozinha. Ela aumentou o volume e começou a cantar junto: sem perceber que gritava à medida que as lágrimas molhavam seu rosto. Ela sabia que precisava sair da casa e procurar algo que coubesse no seu orçamento. A vida que Orlando tinha lhe dado não podia mais ser sustentada com o que ganhava, mas ainda tinha esperanças de que conseguiria, de que no fundo não precisava dele. E tinha outra coisa, ela conheceu a vida de quem tem dinheiro, o ex-marido vinha de uma família abastada, e ela gostou muito. Era difícil deixar para trás o conforto e as facilidades, mas quem era ela para sustentar isso?

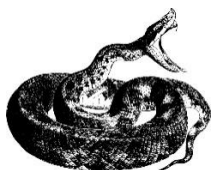
Kyra assustou com a buzina do carro atrás do seu, os olhos recaíram na luz verde do semáforo, ela seguiu adiante. A voz de Elton John estava baixa como se ele não quisesse perturbá-la, mas era a chuva forte que abafava quaisquer ruídos dentro do carro, nem mesmo os seus pensamentos conseguiam ecoar com clareza. Eles vinham acompanhados de ruídos baixinhos como estática de rádios dessincronizados, sugestões em que ela não queria pensar e que não pareciam vir de dentro dela.

“Talvez uma overdose de comprimidos... Aqueles que o médico receitou para sua dor nas costas. Essa dor maldita que nunca vai te deixar em paz. Ou, quem sabe, uma corda forte; pare no ferragista perto de casa, compre uma daquelas bem grossas, amarre numa das vigas da área externa da sua casa. A casa que em breve Orlando vai tomar, quem sabe... se lançar o carro para fora da ponte...” Ela estacionou em sua garagem tentando ignorar os ruídos por trás de todos os pensamentos, e conseguiu por um tempo,

até que, à noite, no silêncio, eles voltaram a aparecer com força, deixando de ser apenas ruídos para se tornarem mensagens claras e quase... possíveis.



## 2



Mais uma semana se passou sem que Maya conseguisse falar com a irmã mais velha. Kyra tinha desligado o celular ou não queria atendê-la. Estava preocupada com ela desde que a irmã se divorciou. Maya sabia o quanto aquele relacionamento era importante para ela, não só pela estabilidade financeira, mas por ter tirado ela de casa, a odiosa casa mantida pelo pai delas, que não tinha sido uma pessoa fácil, mas também, por causa dos sentimentos. Apesar de não demonstrar, Kyra gostava de Orlando do seu jeito, apesar de Maya sempre alertá-la de que ele não gostava tanto dela assim. Maya falava para a irmã sempre que o assunto vinha à tona: “Não foi por falta de avisos”, o que fazia Kyra se calar e guardar para si todas as frustrações relacionadas ao caso.

Diferente da irmã, Maya não pretendia se casar, tinha namoros relâmpagos que não se tornavam nada sério. Homens ou mulheres, não importava, ela dizia para Kyra que só precisava ser amada por quem quer que fosse, mas o amor não durava muito, logo ela se cansava e precisava de outra fonte de afeto.

Kyra não concordava com o jeito da irmã, mas não a criticava, apenas se calava quando Maya contava sobre as suas aventuras amorosas. Maya acreditava que no fundo a irmã talvez até sentisse inveja dela, da sua coragem e independência. Isso a fazia sentir pena de Kyra, que não gostava desse tipo de sentimento, pois reduzia a uma pobre coitada mesmo que ela tenha sobrevivido ao pai, às humilhações, com extremo sangue frio, a protegendo como podia. Se Maya não foi agredida nenhuma vez por ele foi graças a irmã que suportava tudo, resignadamente.

Naquele dia, depois do trabalho, Maya saiu do consultório e passou na casa da irmã. As luzes estavam acesas, o que a deixou mais tranquila. Quando tocou o interfone a voz do outro lado parecia fraca e adoentada. Maya se identificou e logo o portão fez barulho ao saltar da tranca. Ela entrou e encontrou a porta da sala aberta, mas Kyra não

estava lá para recebê-la, ela estava jogada no sofá olhando para a televisão em que passava um filme em preto e branco que Maya não soube dizer qual era.

— Como você está, mana?

Kyra olhou para ela e forçou um sorriso, mas ele não se sustentou. Ela tinha emagrecido bastante desde a última vez que Maya a vira, isso há dois meses. Os olhos estavam envoltos em olheiras e os cabelos antes sedosos e bem arrumados eram uma ruína opaca como ninho de passarinho.

— Estou indo, Maya. Não precisa fazer cerimônia, se quiser beber ou comer alguma coisa vai lá na cozinha. Deve ter algo de que você gosta.

Maya sentou-se na poltrona ao lado do sofá, afundando-se no material confortável. Julgou que ali costumava ser o lugar de Orlando.

— Tudo bem, não quero nada. Eu vim só ver como você estava, não consegui falar com você a semana inteira.

— Vou bem. Hoje dei aula o dia inteiro, amanhã de novo. Estou cansada e acho que peguei um resfriado, só isso.

— Só isso?

Maya não sabia como entrar e vasculhar a fundo a mente da irmã. Ela podia fazer isso de forma brilhante com seus pacientes, era uma boa psicóloga, não duvidava disso, mas com Kyra era diferente. Ela era da família e uma das pessoas mais fechadas que Maya conhecia.

— Claro que é só isso, Maya. Não vai querer usar seus truques psicológicos comigo, né?

Kyra deu um sorriso sincero, mas ele não se firmava. Ela parecia fraca e desanimada.

— Quer que eu faça uma sopa? Ou um suco de laranja com gengibre? Pode te ajudar... Lembra que a mamãe fazia isso para gente quando éramos crianças? Eu sempre mentia que estava doente quando você ficava só para não ir para a aula e tinha que engolir aquele suco horrível!

— Lembro...

A irmã mais velha se limitou a responder, não gostava de se lembrar do passado, principalmente da infância. Maya sabia disso, o que a deixou constrangida, então foi para a cozinha preparar algo que ajudasse no resfriado dela. Quando chegou lá, encontrou o

caos. Na pia, as louças sujas se acumulavam, atraindo mosquitos e moscas. Havia comida em cima da mesa — que deveria estar na geladeira — exalando um cheiro de podridão. Maya olhou na direção da sala, dali podia ver Kyra sentada de perfil no sofá, muito pequena, menor do que ela se lembrava. O sentimento de pena voltou a dominá-la e Maya se odiou por isso. Ela começou a arrumar a cozinha e quando estava quase tudo ficando limpo, Maya encontrou contas guardadas atrás de um pote vazio onde antes talvez houvesse guloseimas. Ela folheou o monte e se assustou com o atraso daquilo.

Maya voltou para a sala. Sabia que Kyra não gostava que se intrometesse em sua vida, mas aquilo era impossível. Logo iriam cortar a energia e a água, sem contar os três avisos de busca e apreensão sobre seu carro. Não dava para continuar ignorando que a irmã tinha perdido o controle da própria vida.

— Kyra, não quero me meter na sua vida, mas o que é isso? Você anda colecionando contas?

Ela não tirou os olhos do filme que passava, fingiu que Maya não existia na sala, apenas pigarreou e mudou de posição no sofá. Ela sabia como irritar a irmã. Maya sentou-se na poltrona e guardou as contas na bolsa. Apesar de ganhar apenas o suficiente para se manter, iria ajudar a irmã daquela vez mesmo que ela não buscasse por sua ajuda. Quando Maya estava prestes a tentar perguntar o que a irmã fazia com o seu dinheiro que não conseguia pagar as contas, sua atenção recaiu sobre panfletos jogados na mesa de centro da sala. Ela entrou na frente da tela a que Kyra assistia e pegou os panfletos de clínicas de fertilização; entre eles havia um de propaganda de máscaras e perucas femininas.

— O que diabos é isso? Kyra, você ainda está tentando engravidar? Como assim?

A irmã levantou os olhos para Maya, parecia ainda mais cansada com a luminosidade da televisão no rosto ressaltando a marca que ela se esforçava em esconder com toneladas de cremes e maquiagem, a cicatriz que ia do meio da bochecha até a orelha direita parecia estar mais sobressalente. Maya virou o rosto para os panfletos e voltou para a poltrona.

— Foi por isso que ele me largou, sabe, Maya, porque sou seca, uma maldita fruta ressecada. Não consegui dar os filhos que ele queria, é como nosso pai dizia, “Eu não presto pra porra nenhuma, só ocupo espaço...”

— Kyra... — Maya não sabia o que dizer, o que era raro acontecer.

— O que é essa propaganda de máscaras e perucas femininas, o que é isso?

— Ah, eu peguei lá na última clínica de fertilização em que fui, é uma máscara de silicone que eles fazem, você usa como uma segunda pele. Ideal para esconder cicatrizes, problemas de pele... É mais em conta que tentar uma cirurgia e não dói, tem isso, ela é indolor.

— E você está cogitando a hipótese de gastar com tudo isso? Outra tentativa de fertilização, agora essa máscara?

Maya observou a peça no manequim da propaganda e sentiu um arrepio, aquilo parecia algo saído de um filme de terror de baixo orçamento.

— Sim, estou juntando para isso.

— E as contas? Eu vou pagar essas que estão atrasadas, Kyra, mas você não pode continuar assim, apenas guardando seu dinheiro e sonhando com coisas que nem sabe se vão funcionar. Você já gastou tudo o que podia com esses tratamentos para engravidar, isso acabou se tornando uma obsessão e nem era a sua vontade ter filhos, era algo que o Orlando queria.

— Não era a minha vontade? Como pode saber disso? Eu sempre quis ser mãe. Não foi o Orlando que me incutiu isso, você faz ele ser mais importante do que é na minha vida. E não preciso da sua ajuda, deixa as contas aí. Vou dar um jeito.

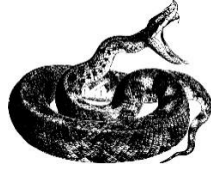
Maya suspirou, não iria adiantar tentar convencê-la a desistir daqueles planos absurdos, quando Kyra colocava algo na cabeça era difícil tirar. Mas não deixou as contas lá, pelo menos aquilo iria fazer pela irmã, mesmo que ela se recusasse a atendê-la pelo resto da vida.

— Eu não sabia que a cicatriz te incomodava tanto.

— É, Maya, tem muitas coisas sobre mim que você nem faz ideia.

Maya deixou a irmã afundada no sofá vendo seu filme mudo em preto e branco sem se despedir. Saiu pela porta da casa e quando entrou no seu carro sentiu alívio. Era isso que sentia se mantendo afastada da irmã mais velha, um tremendo alívio.

### 3



A segunda-feira ainda parecia domingo porque Kyra não conseguiu pregar os olhos. A insônia estava mais forte nos últimos dias. Desde que Maya foi visitá-la e levou consigo suas contas. Milagrosamente os avisos de busca do seu carro pararam de chegar e a sua água e energia não foram cortadas. Sabia que a irmã tinha pagado tudo e não conseguia conviver com isso. Maya era a mais nova, Kyra sempre a protegeu de tudo e era dever dela cuidar da irmã, não o contrário. Não era apenas isso que a incomodava, mas a sua sensação de fracasso contínuo, como se até preparar o próprio almoço fosse um dos seus atos falhos. Ela não sabia cozinhar, nunca gostou, e também se culpava por isso, acumulando mais um peso desnecessário de culpa nas costas.

Durante a madrugada, tentou terminar a tela que tinha começado há um mês. Gostava do cheiro de tinta a óleo, isso — além da influência da mãe — foi o que a fez começar a tentar se acalmar com a pintura. A mãe de Kyra e Maya era uma pintora excelente, mas, como quase todos os artistas realmente bons, morreu no anonimato pintando suas telas apenas como passatempo. Algumas delas ficaram espalhadas pela casa de Kyra enquanto Maya se livrou das que pegou. Kyra não entendia como a irmã podia não gostar das pinturas da mãe, mas Maya era feita de um tipo diferente de material, ela se tornava cada dia mais parecida com o pai. Talvez esse fosse o motivo do distanciamento entre as duas.

A tela evoluiu pouco, Kyra ficou sentada apenas manchando o céu de uma paisagem noturna com estrelas. Havia algo na imagem que não lhe agradava nem um pouco, era uma espécie de sombra saindo das silhuetas dos galhos de árvores ressecadas que ela tinha feito ao fundo. Não sabia quando tinha feito aquela sombra e se questionava se entrava numa espécie de transe quando estava diante de uma tela. Podia ser isso, às vezes a cabeça funciona sozinha, era assim que ela se sentia durante as madrugadas. A

sombra era uma espécie de cauda entre as árvores feita com uma tonalidade que destoava de todo o quadro. Era um tom vinho, quase escarlate, numa paisagem completamente azul e negra. Ignorou esse detalhe na sua tela, afinal, ela só fazia aquilo por distração.

Esperou o sol nascer e se arrumou para ir para a escola encontrar seus alunos como fazia todas as manhãs. Kyra lecionava para crianças de 8 a 12 anos. Suas preferidas eram as turmas iniciais, a garotada dos 8 aos 10. Quando chegava na porta da sala e dava “bom dia”, era o único momento do dia em que Kyra se sentia parte da humanidade, acolhida e amada porque todas as crianças corriam ao seu encontro para um abraço. Elas simplesmente adoravam a “professora Kyra”. Poucos a chamavam por “tia”, por exigência dela, que não gostava daquele tratamento que a fazia se sentir mais velha do que os seus 37 anos diziam.

Eles gostavam das aulas em que ela fazia um círculo e propunha que lessem as suas redações, as histórias que criavam. Muitos tinham dificuldades em ler, então Kyra os ajudava lendo para eles, fazendo com que adorassem o que escreviam e se sentissem capazes como ela mesma nunca se sentia. Era gratificante ver nos olhos das crianças um brilho indefinível que tragava Kyra para uma onda contínua de amor. Seu sonho era ter sido mãe, mas o destino não quis assim, ela via em cada um dos seus alunos os próprios filhos que nunca teria.

Naquela manhã, um aluno novo chegou na escola. Durante o intervalo, enquanto Kyra estava tomando café na sala dos professores com os outros colegas, a coordenadora apareceu na porta segurando um garoto pelo ombro. Ele parecia ter por volta de 9 anos, mas era pequeno para a idade, os seus olhos não saíam dos próprios sapatos. Kyra reconhecia uma criança tímida de longe, mas aquilo era diferente, ele lembrava muito ela mesma naquela idade. O menino não parecia ser tímido apenas, ele parecia de certa forma amedrontado ou traumatizado.

— Esse é o Júlio César, professora Kyra, seu novo aluno. Ele foi transferido de outra escola, a mãe precisou mudar de cidade. Diga oi para a sua professora, Júlio.

Kyra sorriu e veio ao encontro do menino, abaixando-se para ficar na altura dos olhos dele. Ele soltou um “oi” retraído, o queixo tocando o peito.

— Júlio César, hã? — Kyra sorria para ele. — Nome de imperador. É um belo nome, forte como você, aposto!

O menino olhou para ela, seus olhos pareciam avaliar o rosto à procura de algum sinal de perigo, era o típico olhar de quem sente medo na maior parte do tempo. Kyra parou de sorrir assim que ele sustentou o seu olhar. Júlio parecia trazer no rosto um olhar de homem velho, ele não se parecia nem um pouco com as crianças com quem ela conviveu durante anos da sua vida como professora infantil.

— O que é isso na sua cara? — ele disse apontando para a cicatriz bem disfarçada sob as camadas de maquiagem na bochecha de Kyra.

Ela se perguntou como ele poderia ter percebido. Nem mesmo os colegas que a viam todo dia percebiam a sua cicatriz, se notavam, nunca falavam nada porque ela não parecia tão ruim depois de coberta.

— Ah, nada, querido. — Foi a coordenadora que respondeu, levando o menino para o seu tour na escola.

Kyra voltou para a cadeira entre os professores que permaneceram em silêncio, tornando o momento mais constrangedor ainda. Não tocou mais no seu café que já estava frio e deixou a sala faltando muito tempo ainda para o fim do intervalo. Ela entrou na sala de aula onde três garotos brincavam entre si com bonecos, simulando ataques de forças rivais. Ela sentou-se na cadeira atrás da sua mesa tentando ignorar os gritos das crianças, tanto os dos meninos na sala quanto os dos que corriam do lado de fora. O mundo no qual vivia e tanto se sentia acolhida se tornava pouco a pouco uma espécie de visita ao inferno. Cada ruído que as crianças faziam penetrava fundo em sua cabeça e ela começou a odiá-las por aquilo, pela inquietude, pelo excesso de energia.

Ela tocou o rosto no lugar em que a cicatriz saltava, o queloide enorme que se encontrava no seu lado direito, como o pai a fez acreditar, “Sua feiura toda representada numa marca eterna”. Eles estavam sozinhos em casa quando aquilo aconteceu. O pai cortava nacos de uma maçã com seu canivete suíço quando Kyra entrou pela sala, vinda da escola. Passava a maior parte do tempo lá para não ter que conviver com o pai. Ele não a deixou ir para o quarto, agarrou-a pela mochila nas costas e ficou perguntando-lhe onde tinha se metido. Começou então a cuspir seus insultos sobre garotos, sobre virgindade e toda aquela conversa que ela engolia seco como uma bola de espinhos, mas não respondia. Ela sequer olhava para ele naqueles momentos.

Às vezes isso o irritava bastante, o fato de ela não reagir. Ele gritava mais alto para tentar arrancar dela algum tipo de reação, mas ela permanecia calada, parada, com

lágrimas nos olhos. Era como se a alma flutuasse para fora do seu corpo, evitando assim sentir as dores físicas. Naquele dia, a irritação dele alcançou o ponto máximo. Ele arrastou-a pelos cabelos até o banheiro e fê-la se olhar no espelho com o rosto marcado pelas lágrimas.

— Olha para você, olha para essa cara de bosta, de sonsa. Você não presta para nada, você é um monte de bosta. Nenhum rapaz vai te querer, você vai viver comigo para sempre porque ninguém vai querer uma coisa dessas. Olha para essa cara! Olha bem o que ela é! — A dor que seguiu foi a pior a que ele a submeteu. Outras viriam, mas depois daquilo tudo pareceu ser pouco.

O pai abriu um rasgo na sua bochecha com a lâmina do canivete suíço. Kyra podia sentir o cheiro forte da maçã que ele acabara de comer com aquilo, e nunca mais conseguiu ingerir a fruta. O sangue jorrou, impregnando suas narinas e todo o banheiro. Ela ficou ali, parada, olhando para o seu reflexo no espelho, pálido e horrível. O corte exposto fazia seus batimentos cardíacos pulsarem. A dor foi cedendo e deu espaço para a dormência, a raiva e o desespero, que deram lugar à indiferença. Ela foi deitar com o rosto aberto até a mãe chegar do trabalho e levá-la para o médico. Ela parecia ser pior que o pai porque ela permitia, ela dizia para Kyra:

— Agente firme, ele não faz por mal, é o jeito dele. — E tudo acabava bem, no fim das contas, pois, de todas as três mulheres na casa, Kyra era a única que passava por aquilo. Para Maya e a mãe, estava tudo bem desde que não respingasse nelas.

— Professora? Professora Kyra? — A voz da menina Isa a tirou do transe das lembranças.

— Você está chorando, professora? — Desta vez era Leo quem perguntava, um dos alunos que mais gostava dela.

Kyra tocou o rosto e sentiu a umidade, sim, eram lágrimas e ela não tinha percebido que escorriam. Não tinha nem percebido que o sinal tinha tocado e todas as crianças estavam em seus lugares, inclusive o novato Júlio.

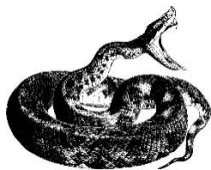
— Não é nada, pessoal. — Ela limpou as lágrimas e tentou sorrir. — Estava apenas me lembrando de histórias tristes.

As crianças saíram do silêncio e começaram a fazer barulho, era sempre assim nos últimos horários. A inquietação era enorme, mas Kyra não se incomodava, nunca foi do tipo de se irritar com as bagunças naturais de crianças aglomeradas em grupos. Mas,



naquele dia, o olhar do menino novo no fim das cadeiras a deixava desconfortável, Júlio parecia odiá-la, de alguma forma ele parecia conhecer o seu interior podre e fracassado e a odiava por isso. Ela desviou o olhar do menino e tentou focar nas outras crianças, era tudo coisa da sua cabeça. Ela estava perdendo totalmente seu equilíbrio, se é que algum dia o tinha conquistado.

## 4



Orlando era um homem impecável em todos os sentidos. As roupas estavam sempre bem alinhadas, ele gostava muito de usar blazer, os cabelos viviam penteados com uma pomada cheirosa. O rosto quadrado era bonito, liso e agradável e foi isso que chamou a atenção de Kyra, a sua beleza apolínea. O seu espírito refletia a sua perfeição estética porque Orlando era um homem justo mesmo que para isso precisasse ser frio, quase impiedoso.

Ele estava diante de Kyra na sala da casa na qual tiveram bons momentos com os amigos dele. Todas as pessoas que ela conhecia eram vinculadas a ele.

— Você teve quase dois meses para achar outro lugar. — Orlando estava olhando para ela, mantendo um tom calmo mesmo que estivesse nervoso.

— Eu sei, mas não encontrei outro lugar, Orlando. Eu entrego a casa para você no próximo mês.

— Quando te liguei no mês passado ouvi a mesma coisa. Eu preciso vender essa casa, Kyra.

— Eu sei. Ela é sua, você a comprou, está no seu nome.

— Coisa que você nunca objetou, querida. Está procurando outro lugar pelo menos?

— Estou, claro que estou, mas está difícil encontrar uma casa como essa.

— Talvez você devesse procurar um apartamento como aquele em que morava quando nos conhecemos.

Kyra não respondeu, preferia se calar quando sentia o estômago arder daquela maneira, querendo explodir em palavras raivosas. As pernas estavam se movendo como se tivessem vida própria. Ela se lembrou do seu médico falar daquela síndrome e de forma

descontextualizada sentiu que precisava marcar uma consulta com urgência. Sua cabeça não estava bem, as crises de ansiedade eram antecedidas pelas lembranças da infância.

— Eu vou sair daqui essa semana, Orlando, agora falo sério. Talvez vá morar com Maya por um tempo.

Ele deu uma risada. “Até a forma de rir era ensaiada”, observava Kyra sobre a pose de Orlando. Antes, teria se sentido diminuída diante daquela risada e olhar arrogantes, mas naquele momento ela foi invadida por uma sensação inédita associada à figura de Orlando: ela desejou que ele morresse, e da pior forma possível.

— Por que está rindo? Acha que estou brincando?

— Não, não é isso. É que não consigo imaginar você e Maya sob o mesmo teto, vocês vivem como cão e gato.

— Nós nunca brigamos, não sei de onde tirou isso.

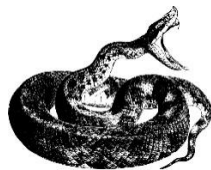
— Você nunca brigou, Kyra, mas ela vive te dizendo o que fazer, mandando em você. Eu já te disse que precisa ter mais pulso firme em relação à própria vida.

Ela esperou ele deixar a casa, o que fez em poucos minutos, nenhum dos dois suportava a presença um do outro. Quando escutou o carro dele sair, ela se perguntou o que foi que tinha visto naquele homem.

Ela deitou-se para tentar dormir cedo, estava morrendo de sono, mal conseguindo ver a televisão por causa dos bocejos. Assim que a cabeça encontrou o travesseiro, sentiu o sono ir embora e a insônia se estendeu sobre ela como um manto. Não tentou dormir, levantou e foi para o quarto ao lado, onde deixava suas telas e materiais de pintura. Ela sentou-se em frente à tela da paisagem noturna e ficou olhando por um tempo. Para seu espanto, notou que a sombra vermelha que vira na outra madrugada tinha ganhado mais formas, agora entrelaçava-se entre os galhos das árvores de fundo como a cauda de uma serpente. Kyra passou o dedo pela tela, a tinta vermelha ainda estava fresca.

— Não fui eu quem fez isso — murmurou para o quarto vazio.

Kyra deu de ombros e começou a misturar as tonalidades que iriam compor o céu noturno. Ela decidiu fazer uma lua no canto da imagem e por isso tentava alcançar o cinza ideal. Enquanto misturava a tinta, seus olhos recaíram sobre a cauda na tela. Kyra derrubou a paleta na qual mexia com um pincel porque aquela forma estava se movendo lentamente na imagem.



Durante os dias que seguiram à estranha experiência com a tela, Kyra não ocupou suas madrugadas insones pintando. Preferia mudar os canais na televisão, tentar terminar algumas leituras ou preparar atividades para as crianças. A tela não a chamava mais, ela estava assustada com aquela forma que serpenteava entre as árvores de fundo porque não se lembrava de tê-la feito. “Eu nem saberia desenhar aquilo...”, ela se pegou pensando nas muitas noites em claro lembrando da imagem da serpente escarlata a deslizar pela tela.

Kyra esqueceu o quarto no qual mantinha as telas assim como foi esquecendo a estranheza no desenho. Mas não demorou para que aquela imagem voltasse à sua mente e não foi porque ela continuou a pintura, e sim, por causa do novo aluno da escola, Júlio César.

O dia estava parado, a proximidade das férias fazia com que muitos dos alunos não frequentassem mais as aulas. Kyra, porém, precisava cumprir seus horários. Havia poucos alunos naquele dia, da turma de 17 crianças, apenas 7 delas estavam presentes, incluindo Júlio. Enquanto a professora folheava o livro que precisava trabalhar com as crianças, alguns apenas conversavam ou brincavam. Ela não se incomodava com os ruídos, apesar de pedir para que baixassem o tom de vez em quando para que não atrapalhassem as outras turmas.

— Professora — era a voz de Leo —, o Júlio estava chorando hoje.

Kyra olhou para Leonardo e confirmou que Júlio não estava no seu lugar. Ela o procurou e logo encontrou o menino sentado de costas no pátio. Da sua mesa ela podia ver os balanços, as duas gangorras e parte do escorregador; Júlio estava em um dos balanços com a cabeça baixa e os pés fazendo movimentos sutis para se mover.

— Leo, cuide da sala enquanto vou buscar o Júlio.

O menino ficou radiante e assim que ela saiu começou a falar para que todos o obedecessem, o que gerou uma onda acalorada de protestos sob os gritos infantis. Kyra não se preocupou com a algazarra que acontecia atrás de si. Era costume deixar Leonardo cuidando da sala quando ela precisava sair e ele cumpria bem seu papel enquanto os outros se divertiam ao implicarem com o favorito da professora.

Apenas Júlio compunha o quadro do parquinho, todas as outras crianças estavam nas suas respectivas salas. Ela observava como o novo garoto era solitário, mas não se incomodava porque ele tinha um ar diferente. Não participava das brincadeiras, não fazia amizades. Júlio passava a maior parte do tempo pelos cantos e em sala de aula apenas encarava Kyra com aquele olhar adulto, olhos de quem tinha visto demais.

— Júlio? — Ela ficou ali entre os balanços. O menino não ergueu o rosto, mas parou de se movimentar com os pés.

— Querido, o que houve? Estava chorando? — Kyra tocou os cabelos raspados do garoto e aquilo a fez sentir um afeto arrebatador.

“Ele podia ser meu filho”, o pensamento estava ali nítido e absurdo, fazendo-a lamentar sua condição infértil e a vida que tinha escolhido levar. Em apenas alguns instantes, Kyra odiou toda a sua trajetória até ali, e no centro da desintegração de si mesma estava a figura do pai. O pai a insultando, humilhando e molestando sem motivos aparentes. O pai a diminuindo, menosprezando e machucando com o aval da mãe. Quem estava quase chorando era ela, mas respirou fundo. Júlio continuava de rosto abaixado.

Como não obtinha reação, Kyra se abaixou na frente do garoto e ergueu seu queixo em um gesto suave. Quando seus olhos encontraram os dele, calafrios percorreram seu corpo, fazendo-a tremer. Havia algo diferente nas pupilas do menino, que eram formas elípticas, inumanas. Kyra voltou a ficar de pé.

— Minha mãe está doente.

Júlio encarava Kyra, mas diante daquela informação ela não podia mais ver as pupilas estranhas. Era ele de novo, apenas um garoto não convencional. Ela temeu estar delirando, nos últimos dias as lembranças dos seus traumas estavam mais fortes.

— Eu sinto muito, Júlio. É grave? Eu tenho certeza de que ela vai ficar bem.

— Não vai. Ela está desaparecendo.

Kyra sentou-se no balanço ao lado de Júlio, ele abaixou o rosto e parecia tentar conter as lágrimas, mas ela jurou que via um sorriso em seus lábios. Não sabia se ele

estava fazendo uma careta para segurar seu choro ou se era mesmo um sorriso zombeteiro. Kyra passou as mãos pelos cabelos, sentia-se incomodada, sem saber o que dizer para o garoto, o que era algo novo para alguém que sempre levou jeito em lidar com crianças. Principalmente quando as encontrava chateadas.

— Querido, quer que eu ligue para o seu pai vir te buscar? Não precisa ficar aqui enquanto sua mãe estiver assim.

— Meu pai morreu, professora. Somos só eu e a minha mãe. Ela nunca vai melhorar, vai morrer igual ao meu pai, todos nós vamos, e tudo por causa da cobra na água.

Kyra não prestou atenção às últimas palavras porque soavam absurdas. Ela julgou que tivesse ouvido errado ou que o garoto estivesse falando em gíria ou em algum novo código das crianças que ela não conhecia.

— Sinto muito pelo seu pai, Júlio. O que a sua mãe tem?

— Ela diz que tem a doença ruim, que não é bom nem falar o nome. Câncer. Depois que chegou em casa com essa doença ela começou a desaparecer. Eu vejo a cobra na água, antes eu achava que era minha amiga, mas ela ficou feia e leva minha mãe embora.

Não podia continuar ignorando aquela estranheza. Kyra tocou as mãos do menino, fazendo-as pararem de se arranhar. Ela notou as marcas de unhas espalhadas pelos braços.

— Cobra na água? O que é isso, Júlio?

Ele levantou o rosto para a professora e ela temeu ver aquelas pupilas de novo, mas era apenas Júlio com lágrimas nos olhos.

— Ela vive na água da piscina. Antes de nos mudarmos, papai morreu afogado na piscina de casa. A minha mãe disse que é porque ele estava bêbado, mas eu sei que foi ela que levou ele lá para o fundo porque ela não gosta quando eu não faço o que diz. Nós nos mudamos para uma casa com piscina de novo, não sei porquê.

— Júlio, sinto muito pela forma que seu pai se foi e por tudo que precisa enfrentar, mas cobras em piscinas? Meu bem, isso não existe. Vamos marcar uma hora com o nosso amigo Dario, ele vai saber te ajudar, é nosso psicólogo na escola. Que tal?

Júlio deu de ombros, seu semblante carregado o fazia parecer um senhor pequenino. Kyra sabia como o sofrimento podia envelhecer, podia levar embora o melhor que todos possuíam, porque era algo que pesava e sugava as forças, ainda mais para um

garoto de apenas 9 anos. Ela se levantou e deu um abraço demorado no menino que não reagiu, permaneceu quieto, deixando-se abraçar. Ele estava tão frio e trêmulo.

“Como crianças podiam sofrer daquela forma?”, a professora se perguntava enquanto o levava pela mão até a sala do colega de trabalho, o psicólogo infantil Dario. Ela sentou-se ao lado dele numa antessala de espera sem soltar a sua mão. Sentia-se ligada a Júlio, trazendo para si a obrigação de ajudá-lo a reencontrar a tranquilidade com a qual todas as crianças deveriam crescer. Projetava no menino os seus próprios sofrimentos da infância e o quanto odiava se lembrar daquela parte da sua história.

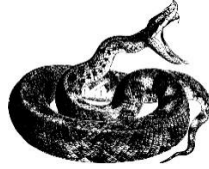
— Você está apertando muito a minha mão. — Júlio puxava o braço. Kyra voltou a si, caía naquele instante para dentro da própria mente e para longe da realidade.

— Desculpe, Júlio.

Dario estava na frente deles, ela não tinha visto quando ele saiu da sala. Constrangida, apresentou Júlio ao psicólogo e os viu entrar na sala com o coração pesado. Ela se segurou para não acompanhar o menino, mas seria muita intromissão da sua parte. O seu único papel era ser a professora de Júlio, nada mais. Ao chegar em casa deveria deixar todos os assuntos da escola na escola.

Pensando assim, ela voltou para a sala de aula que estava entregue ao caos da algazarra das crianças sem a figura da professora. Algumas estavam de pé nas cadeiras enquanto outras rabiscavam no quadro. Kyra passou direto por tudo e sentou-se. Mesmo cercada pelos ruídos, ela sentia sua cabeça vazia — o único som que existia era o do próprio choro abafado dos seus 10 anos de idade.

## 6



Os dias passaram sem que Kyra voltasse a ter notícias de Júlio, o menino não voltou para o encerramento do ano letivo. A sua ansiedade em relação a ele fez com que procurasse Dario.

— Como ele estava naquele dia em que conversaram?

Eles compartilhavam um café na sala dos professores.

— Olha, Kyra, Júlio cresceu em um ambiente agressivo. Os pais não se entendiam e a morte do pai o deixou abalado. A doença da mãe está sendo difícil para ele que se culpa por essas tragédias. Vou continuar acompanhando-o. Ele fala bem sobre o que sente, diferente das outras crianças que recebo.

— Mas... E a coisa da cobra que vive na sua piscina?

— Ele não mencionou nada disso. Acredito que seja uma projeção de amigo imaginário. Isso é comum entre crianças que passam por situações traumáticas e, sendo filho único, a probabilidade de criações fantasiosas aumenta. É normal e diria que seja até mesmo saudável. É o jeito que ele encontrou para enfrentar uma realidade que não entende.

Kyra deu o último gole no café. Enquanto Dario comentava sobre aquilo, lembrou-se de si mesma com a idade de Júlio e de Mr. Blackteeth, o homem de sorriso negro que falava com ela de dentro do seu armário. Mr. Blackteeth ganhou vida à medida que ela crescia e começou a acompanhá-la em todos os lugares. Era um senhor tão alto que as pernas compridas quase o faziam alcançar o céu, a cabeça oval sustentava uma enorme boca rasgada de dentes negros.

Quando o pai de Kyra invadia seu quarto à noite, Mr. Blackteeth sussurrava “Mate-o!” com seu sorriso escuro e maligno.



Ele desapareceu quando Kyra se tornou adulta, mas às vezes ela reconhecia a sua voz áspera por trás de todos os pensamentos sussurrando palavras de ordem tão diabólicas como “Mate-o” ou “Queime-os” que Kyra preferia não dar ouvidos.

Essa experiência com Mr. Blackteeth fazia com que ela se questionasse se Júlio e a sua amiga que vivia na água também viveriam juntos para sempre. Ela torcia para que não porque, diferente de Blackteeth, aquela coisa da água parecia má por fazê-lo se sentir tão assustado.

Dario se despediu da colega desejando boas férias. Kyra logo voltou para casa a fim de terminar de organizar a mudança. Maya cedeu um quarto em sua casa para a irmã. Kyra precisou reunir muita coragem e engolir seu orgulho quando ligou para pedir isso.

As duas terminaram de colocar as últimas roupas de Kyra numa das malas. Maya percebeu que a irmã não tinha muito o que levar. Era o meio da tarde quando começaram a mudança e só pararam no fim da noite. Com a ajuda de Sérgio, o namorado de Maya, elas organizaram o quarto em poucas horas.

Kyra e Maya nunca foram próximas. Eram diferentes, havia muito ressentimento da parte de Kyra para com a irmã mais nova. Maya não foi maltratada pelo pai, era até mimada por ele, que deixava claro seu favoritismo. Houve ocasiões em que, sentados à mesa do jantar, ele dizia que Kyra não era sua filha. Ela se sentia encolhida e a fome passava. Maya sempre pareceu emanar toda a luz que Kyra jamais refletiria.

Não foi surpresa para ela descobrir que Maya e Sérgio moravam juntos e se relacionavam apenas há alguns meses. Como não participava da vida da irmã, a presença de Sérgio em casa não afetava nada entre elas. Kyra dormiu cedo no dia que se mudou, estava cansada não só pelo trabalho de deslocar-se de um lugar para outro. O seu cansaço maior vinha das emoções que acertavam sua mente, tornando-a inquieta. Ela pensava em seu novo aluno, Júlio, contra a sua vontade. Era inevitável não se perguntar como ele estava se saindo. Tinha também seu ex-marido; Orlando venderia a casa na qual viveram por mais de 10 anos. Ela não sabia como seria a vida sem a segurança do casamento com ele.

Todos os pensamentos angustiantes foram engolidos pelo sono. No quarto apertado onde a tela que pintava competia espaço com armários e a cama, ela adormeceu profundamente.

O sono não durou por muitas horas. Kyra saltou da cama como se fugisse de algo dentro do sonho ruim do qual não se lembrava. Seus olhos demoraram a reconhecer o lugar, eles procuravam algo familiar do antigo quarto. Ela levou alguns minutos para se lembrar de onde estava e o que fazia ali.

A casa estava imersa no escuro silencioso da madrugada. Ela ouvia o som distante uma televisão. Deveria vir do quarto da Maya.

O relógio do celular ao lado da cama dizia ser 3h50. Ela se esforçou para levantar e acendeu a luz do quarto. Abriu a porta, sentia-se sufocada. Depois de despertar por completo, sentou-se em frente à tela inacabada localizada aos pés da cama.

O estômago deu um salto, Kyra cobriu a boca acreditando que a náusea anunciava um bolo de vômito, mas ele ficou parado na garganta até voltar para baixo. O mal-estar continuou enquanto observava a imagem na tela, a serpente escarlate se movia entre os galhos das árvores tortas. O movimento deixava sua cabeça zozna e o estômago sensível.

Aquela situação não podia continuar. Kyra pegou sua paleta e espremeu tinta preta, com o pincel começou a cobrir toda a tela. Cada vez que Kyra pintava uma parte, a ponta da cauda da coisa aparecia em outro ponto da pintura, como se fugisse da tinta.

Kyra começou com delicadeza, tentava salvar seu quadro ao apagar a grotesca serpente. À medida que ela se movia, os movimentos se tornavam mais rápidos e grosseiros. Em certo momento, Kyra estava pintando toda a tela com as mãos espalmadas. A respiração ofegante e o olhar vidrado denunciavam sua crise nervosa.

Sérgio demorou a se convencer de que ouvia algo estranho vir do quarto no fim do corredor, era onde a irmã de Maya estava. Ele pausou o filme a que assistia, ficou prestando atenção, parecia o ruído de um choro. Ao levantar da cama, tomou cuidado para não acordar a namorada e foi investigar a origem do barulho.

Era Kyra, sem dúvida, a luz acesa do seu quarto atingia parte do corredor. Sérgio foi até lá. Eles não se conheciam, o que o deixava inseguro em incomodá-la. Quando Sérgio parou no batente da porta, encontrou Kyra suja de tinta preta das mãos à testa tentando rasgar sua tela ao bater o cabo do pincel.

— Kyra? — Sérgio se aproximou. — Kyra, o que está acontecendo?

Como se sáísse de um transe, ela olhou para ele com um olhar perdido.

— Não sei. Eu tentei consertar.

Sérgio parou ao seu lado e observou a ruína da tela, ainda podia enxergar as sombras da imagem por trás das manchas negras.

— Consertar? Você arruinou o quadro, ele estava ficando incrível.

Kyra ouviu a voz de Sérgio, mas não prestou atenção, a voz estava longe e abafada. Os olhos dela acompanhavam os movimentos da serpente ziguezagueando sob a cobertura de camada preta.

— Você está vendo? Era isso que tentava apagar! Essa coisa não desaparece. Por que isso fica aí?! Não fui eu quem fez isso!

Sérgio olhou para a cunhada, ela estava assombrada de verdade. Seu rosto pálido e abatido era a imagem de puro horror.

— Kyra, não tem nada de errado com a tela além do que você mesma fez com a tinta preta.

Ele a levou para sentar na sala, deixou a janela aberta para que ela pudesse respirar um pouco. Todo o quarto fedia a tinta. Ele estendeu um copo d'água, ela o pegou com mãos trêmulas. Depois que ela se mostrou mais calma, Sérgio sentou-se ao seu lado no sofá.

— O que você viu lá? Será que estava sonhando acordada? Isso acontece às vezes.

— Não. Isso vem acontecendo há algumas semanas. A serpente começou a aparecer como um esboço, apenas a cauda entre as árvores. Eu achei que tinha rabiscado aquilo em algum momento de insônia e não me lembrava. Ela foi ganhando forma e eu me convencia cada dia mais que não era eu quem pintava aquilo. Hoje voltou a se mover, e deve estar lá ainda se mexendo.

Sérgio suspirou e estendeu um lenço para que Kyra pudesse tirar a tinta das mãos.

— Eu sei que parece loucura, Sérgio... Mas isso é real.

— Eu sei, Kyra. Não estou duvidando.

Kyra percebeu o olhar dele sobre sua cicatriz no rosto, ela mexeu no cabelo para cobrir parte da marca.

— Você está se sentindo mal por esses dias? Sob pressão? Tem usado algum remédio controlado? Eu sei que Maya é a psicóloga aqui, mas eu acho que posso te ajudar espiritualmente.

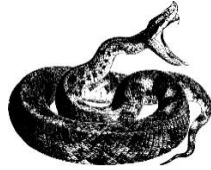
— Eu me sinto... Não sei, como sempre me senti, só que pior. É mais intenso. Às vezes, parece que sou mais de uma e penso muitas coisas controversas. Como disse? Ajudar espiritualmente?

— Nós somos frágeis, os sentimentos nos confundem, Kyra. Vou te levar para conhecer a igreja que frequento. Eu tinha problemas com drogas, me sentia muito mal e pensava coisas ruins o tempo inteiro. Conheci a Maya lá, ela faz um belo trabalho voluntário.

Kyra quase deixou-se boquiaberta. Podia esperar qualquer coisa da irmã, menos atos de caridade. Ela se comoveu com o que ele disse, mas não queria frequentar igreja nenhuma. Seu pai era um homem movido pelo fanatismo religioso e em nome disso a punia de todas formas possíveis. Era impossível não relacionar o ambiente religioso ao comportamento sádico do pai.

— Obrigada, Sérgio. Talvez eu vá mesmo.

Ela sabia que não iria. Sérgio se animou com a resposta e foi se deitar mais tranquilo. Quando Kyra entrou no seu quarto, olhou em volta, a tela destruída descansava, estática. Nenhum movimento podia ser visto na imagem destruída. Ela virou a tela para a parede e conseguiu dormir pelo resto da madrugada.



O restaurante ficava próximo à antiga casa de Kyra. Eles tomavam café depois do almoço. Orlando iria pagar tudo, sabia que ela nunca tinha dinheiro.

— Você já sabe para quem vai vender a casa?

Kyra observava a forma como ele segurava a xícara, autoconfiante e cheio de si.

— Não vou vender.

— Como?

— Não vou vender a casa. Eu preciso sair do flat, vou morar com Paloma na casa.

Kyra se lembrou da amante que o pai levava para casa quando sua mãe saía para trabalhar, o nome era Paola, eram nomes próximos. Ela se sentia traída não pela nova mulher de Orlando, mas por causa da mentira sobre a casa.

— Você me apressou para sair porque iria vender, eu me enfiei na casa da Maya para te entregar a casa rápido. Por que não me falou a verdade?

— Você teria saído rápido se eu tivesse falado? Provavelmente iria continuar lá só de pirraça.

— Por que eu faria isso? Você não me conhece mesmo, Orlando.

Ele tentava manter o sorriso guardado, mas não conseguia disfarçar o deboche. Kyra sentia o café queimar o estômago, mas sabia que parte daquela ardência vinha da sua raiva.

— Conheço muito bem, Kyra, por isso mesmo tive que mentir. Eu e você sabemos que essa separação não te fez bem. Não queria falar da Paloma, você iria piorar. Kyra, seu estado está deprimente.

Durante toda a vida, Kyra ouviu que era uma pessoa deprimente e incapaz. Orlando apenas batia na mesma tecla, ela estava vacinada contra aquelas insinuações depreciativas.

— Eu fiquei mal no início, mas estou superando. Você vai tentar fazer com que Paloma abandone o trabalho também? Comigo isso não funcionou, foi por isso que você quis a separação, não foi? Porque eu não te obedecia. Por causa da cicatriz, e da falta de filhos. Porque você é o melhor, Orlando, em tudo o que faz, e eu não estou na porra do seu nível.

— Não começa, Kyra. Eu sempre quis o seu bem. Só achava que continuar naquela escolinha medíocre não iria te levar a lugar algum.

— Tudo bem, Orlando. Eu deixei as chaves da casa com você e não tem nada meu lá. Caso encontre algo meu pode jogar fora.

— Você vai ficar bem, Kyra? Digo, bem de verdade?

— Claro! Eu já estou, não percebe?

Ela deixou a mesa sentindo o amargo da bile na garganta. A náusea voltava a revirar o seu estômago. No carro, Kyra deixou o choro preso explodir. Ela sentia a cicatriz pulsar como no dia em que o corte foi feito. Algumas dores nunca cessariam, ela pensou. O caminho para casa não parecia o certo, o costume quase a fez voltar para a rua da sua antiga casa que seria de Orlando, Paloma e sua família.

“Eles vão ter filhos”, o pensamento parecia muito a voz de Blackteeth em sua cabeça, “... e depois virão os netos. Ela é uma mulher inteira, sem marcas e sem aridez no ventre”. Kyra entrou pela porta de casa chamando Maya, mas não recebeu nenhuma resposta.

Ela vasculhou a casa, nem sinal da irmã ou de Sérgio. Não foi um almoço satisfatório, ela mal tocou na comida, então preparou um sanduíche e nas primeiras mordidas a dor atingiu sua barriga de maneira insuportável. Com as mãos sobre o estômago ela correu para o banheiro.

O cheiro de desinfetante da privada trouxe tontura e bagunçou mais ainda o seu estômago. Ela vomitou pouco, mas a sensação foi como expelir algo vivo pela boca. O bolo de comida se mexia ao passar pelo esôfago. Ao escutar o chapinhar na água da privada, enxugou as lágrimas involuntárias que desciam pelo rosto e observou o que havia ali: mais de 15 filhotes de serpentes deslizavam uns sobre os outros.

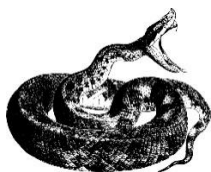
Kyra se jogou para longe do vaso segurando a garganta com força, a respiração se tornou difícil. “Estou me afogando”, ela pensou em desespero. Sua memória trouxe à tona as lembranças das vezes em que o pai mergulhava sua cabeça na privada assim que

terminava de evacuar. “Coma merda, sua inútil”, ele dizia enquanto mantinha seu rosto submerso na podridão.

A sensação continuava fazendo sua garganta se contrair. Kyra correu debatendo-se pelas paredes até alcançar a cozinha. Ela bebeu mais água do que conseguia e arranhou o pescoço, não podia respirar direito. Aos poucos, seu corpo perdeu os sentidos, Kyra caiu no chão da cozinha enquanto todos os seus músculos se moviam involuntariamente. O barulho dos ossos dobrando-se nas articulações ecoava pela casa. As posições nas quais forçava o seu corpo eram impossíveis para qualquer pessoa, por mais flexível que fosse.

“A culpa é da cobra na água”, Júlio falava em sua cabeça. Kyra sentia a sua carne arder, a pele deslizava sobre os músculos. O grito que ela soltou não pareceu humano. Não pareceu com nada que pudesse existir na natureza.

## 8



Quando estava sob o efeito de raiva ou tristeza, Kyra se sentia fora de si. Isso acontecia o tempo inteiro. Mas o que ela sentiu jogada no chão da cozinha ultrapassou qualquer tipo de sentimento que ela conhecia. Por longos minutos, Kyra sentia que seu corpo estava desligando-se da sua alma e ela estava aprisionada em um aperto constritor. Não podia se mover por mais que se esforçasse.

Maya gritava tanto que Sérgio não conseguia encontrar o telefone da ambulância no celular. Era nítido que ela gostava muito da irmã mais velha, mesmo que Kyra fosse distante e fria. O episódio convulsivo foi traumático para a caçula, que terminou aquele dia chorando sem parar.

Foi por causa das convulsões e da sensação angustiante ao sentir que não era mais a mesma que Kyra estava escutando as palavras do padre na Igreja da qual Sérgio fazia parte.

Maya segurava a mão de Kyra com força, estava chegando ao fim da missa. “Você está apertando muito a minha mão”, ela se lembrou de Júlio e quis gritar o mesmo para a irmã, mas se manteve firme.

Kyra precisou aguentar o aperto de mão por pouco tempo, pois logo o padre finalizou com uma prece. A maioria das pessoas se dispersou para ir embora, outras continuaram nos bancos e algumas cercavam o padre para conversar.

— Vamos, Kyra, quero te apresentar o padre Carmo.

Eles estavam sentados nos últimos bancos da igreja, atravessaram o longo corredor para chegar até Carmo. Kyra pôde observar a magnitude da nave naquele trajeto. As imagens sacras pareciam olhar diretamente em sua alma, era como se estivesse ouvindo-as cochichar segredos. O caminho se tornou mais longo do que parecia até finalmente chegarem ao púlpito onde Carmo despedia-se de uma senhora.



— Boa noite, padre Carmo. Essa é Kyra, minha cunhada sobre quem comentei no último encontro.

Kyra sentiu-se desconfortável com aquilo, ele havia falado sobre ela e não imaginava qual imagem Sérgio forjara acerca das suas últimas esquisitices.

— Como vai, Kyra? É uma satisfação te receber. Eu sou o padre Carmo, mas me chamo Giovanni, fique à vontade para me tratar por qualquer um dos nomes.

Ele segurou a mão estendida de Kyra entre as suas. Ela nunca conheceu um toque tão carinhoso e ao mesmo tempo, tão incômodo. Carmo tinha mãos finas e um aperto frouxo e gelado. Logo ela recolheu a mão e desviou os olhos para uma escultura de Jesus Cristo crucificado na parede lateral de onde estavam. Kyra não conseguia parar de olhar para ela. Era como se o homem seminu e torturado na cruz estivesse olhando para ela prestes a gritar ou chorar.

— É um prazer, padre Carmo.

Percebendo a fascinação do olhar de Kyra sobre o Jesus na escultura, Carmo disse.

— A senhorita já esteve numa igreja antes?

Ela não conseguia desviar os olhos daquilo, Jesus realmente respirava, seu ventre tremia em espasmos de respiração fraca. “Respiração de quem está quase morto”, ela pensou. Ele piscava lentamente enquanto encarava Kyra, seus olhos de madeira pareciam dois poços fundos de pura desolação.

— Sinto muito — ela sussurrou.

Os outros observavam o desligamento dela. Maya pressionou seu ombro, mas Kyra estava com os olhos marejados e fixos na imagem do homem na parede.

Então, algo mais perturbador aconteceu. Jesus tentou mover os pés pregados porque uma pequena serpente deslizou sobre eles. Seus olhos se arregalaram no rosto esculpido, o grito ecoou na cabeça de Kyra, “Pai, por que me abandonaste?”. À medida que a serpente subia pelas pernas e envolvia o corpo desnutrido e maltratado, a voz se transfigurava em algo grotesco lembrando o tom familiar do Mr. Blackteeth em sua infância, “Pai, por que me espancaste?”

— Kyra? Kyra?

A voz de Maya a trouxe de volta à realidade, Kyra olhou para o rosto assustado da irmã. As vozes aumentaram de sussurros para gritos, todas as imagens sacras tinham

bocas ocas e olhos negros. Ela se livrou da mão de Maya sobre seu ombro e saiu correndo da igreja.

Quando Kyra alcançou o ar puro do lado de fora, todas as vozes cessaram. Ela foi envolvida pelos ruídos agradáveis dos pássaros nas árvores. Seu coração estava disrítmico, ela cobria o peito com as mãos temendo a morte ou algo mais sombrio — o aperto constritor que antecedeu a crise convulsiva.

Sérgio, Maya e padre Carmo se aproximaram de Kyra.

— Irmã! O que foi? — Maya a segurou pelos ombros.

Kyra não conseguia responder, sua garganta seca e ardida a impedia de falar.

— Maya, Sérgio, será que eu poderia conversar com ela a sós?

Padre Carmo era um homem alto e tão magro que parte das costas ficava arqueada para frente. Os cabelos cheios estavam cada vez mais ralos e grisalhos e a voz sempre baixa e suave transmitia toda a sua docilidade e benevolência. Maya se afastou com Sérgio, eles voltaram para o carro estacionado do outro lado da rua.

— Kyra, vamos nos sentar. — Ele apontou na direção de bancos de cimentos embaixo de árvores frondosas que cercavam a igreja.

Ela o acompanhou, as lágrimas ainda escorriam, mas não fazia questão de escondê-las ou enxugá-las.

Sentados sob as árvores, Kyra observava as folhas balançando ao sabor do vento, algumas delas por causa da ação de pássaros formando ninhos. Respirou fundo e fechou os olhos por alguns instantes.

— Nós acabamos de nos conhecer, sei que não posso pedir que confie em mim, mas se eu escolhi a vida que escolhi e o caminho do Bem para ajudar as pessoas, Kyra. É importante que me diga o que vem sentindo.

Kyra olhou para o rosto do padre Carmo, sério e grave, seus olhos eram bondosos. Antes de falar, ela deu um longo suspiro cansado.

— Não me leva a mal, padre Carmo, nunca frequentei igrejas. Meu pai era um fanático religioso que usava a Bíblia para justificar o seu comportamento. Ele me fez odiar religiões. E sem querer ser indelicada, posso ir a um psicólogo se estiver com problemas.

Carmo não se mostrava ofendido ou irritado, ele se mantinha indiferente e suave.

— Claro que não a julgaria mal, filha. Nós somos livres para fazer nossas escolhas e para seguir ou não o que quisermos. Ir a um psicólogo é importante, Kyra, mas precisa cuidar e vigiar seu lado espiritual também. Hoje vimos como ficou. Apenas se abra sobre o momento que tem enfrentado.

Kyra baixou o rosto, os olhos chorosos a incomodavam.

— Eu não sei o que está acontecendo, as coisas começaram a cair e logo tudo estava perdido, rolando ladeira abaixo. Eu me sinto cheia de raiva e tristeza o tempo inteiro. E tem também... a serpente.

Carmo olhou para ela, pensativo.

— Quando você começou a se sentir assim?

— Assim como, padre?

— Com tanta raiva e tristeza.

Kyra refletiu um pouco sobre aquilo.

— Acho que me sinto assim a vida toda. Piorou muito nos últimos anos, mas não são apenas os sentimentos ruins que me angustiam, pior do que eles são os delírios que me fazem sentir louca e fora de mim.

— Conte-me sobre esses delírios. Não precisa se sentir constrangida ou louca.

Ela não tinha falado sobre aquilo com ninguém, diriam que estava mentindo, iriam rir ou ignorar. Mas Carmo parecia ser diferente.

Primeiro, Kyra contou sobre a serpente se movendo na tela que pintava. Em seguida, contou da crise convulsiva, evitou falar sobre o episódio na igreja. Depois de terminar, Carmo parecia ainda mais intrigado, como se tentasse encontrar algum sentido nos relatos de Kyra.

— Kyra, você acredita em Deus?

Ela não precisou pensar muito.

— Acredito, às vezes, e não gosto dele.

— Kyra, eu estou conversando com você mesma?

Um pombo caminhava em frente ao banco em que estavam, ele bicava restos de pipoca ao redor de uma lixeira pública. Seus olhos negros encararam Kyra e logo se tornaram vermelhos. O pombo não parecia real, nem aquela conversa.

— Kyra, eu estou falando com a Kyra mesmo?

Ela não respondeu, estava observando o olhar diabólico daquela ave suja e sua mente caiu num tipo de buraco negro da inexistência.

— Claro, padre Carmo. O que o senhor quer dizer com isso? — Kyra piscou forte algumas vezes.

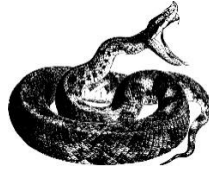
— O Mal não está apenas à nossa volta, Kyra, não é um ser com chifres e rabo pontudo te visitando à noite. Ele nasce por dentro. Você tem que tomar muito cuidado com sua mente, com o que ela pode fazer para te empurrar para o pior que há em nós. Ela pode te fazer abraçar tudo o que é ruim. Todos nós somos bons, filha, todos podemos alcançar o Bem. O Mal usa atrativos eficazes para nos corromper. Suas dores, traumas, seu ego e suas ambições, é difícil resistir a falsa sensação de poder que o Mal nos faz sentir.

Kyra estava chorando quando Carmo parou de falar.

— Obrigada, padre. Eu vou me cuidar. Eu vou superar essa fase tenebrosa.

— Eu tenho certeza de que vai, filha. Lembre-se: orai e vigiai. Orai e vigiai.

## 9



Desde o encontro com padre Carmo, Kyra não passou por situações estranhas. Os delírios amenizaram, ela não voltou a pintar a tela e acabou se livrando dela. Apesar de noites insones e recheadas de sonhos ruins envolvendo o passado traumático, ela começava a acreditar que tudo estava voltando aos eixos. Para ela, a fase tenebrosa que tinha se iniciado com o fim do casamento estava passando. Kyra estava prestes a voltar ao trabalho e sentia-se animada e pronta para se renovar.

Maya ajudou a irmã a superar os dias difíceis incentivando-a a procurar um apartamento e recomeçar a vida. Quando saía do consultório, Maya sempre a levava para ver alguns imóveis e, mesmo que não encontrassem nenhum, os dias terminavam bem com cafés ou milk-shakes compartilhados. Ela estava orgulhosa da irmã mais velha como sempre sentia na juventude quando Kyra conseguia superar experiências que ela mesma se julgava incapaz de conseguir.

O clima de harmonia e as boas vibrações duraram pouco. Era noite de domingo, na manhã seguinte Kyra iria voltar à sala de aula e estava empolgada, pois gostava muito do que fazia no trabalho. Ela sentia falta das crianças e sempre imaginava como teriam passado as férias de fim de ano, como estariam, maiores? Naquele ano, porém, uma nova euforia dominava a sua ansiedade, ela estava curiosa para saber se Júlio estaria na turma e como ele conseguira passar aqueles meses convivendo com a doença da mãe. Será que ela ainda lutava contra o câncer? Muitas questões povoavam suas ideias enquanto ela organizava suas aulas sentada à mesa da cozinha.

Maya e Sérgio haviam saído para jantar, os dois andavam cheios de segredos nos últimos dias, mas Kyra não se interessava em se intrometer na vida da irmã. Envolvida nas suas anotações, ela não notou que eles haviam acabado de entrar pela porta. Maya

estava descalça, ela tirou os sapatos antes de entrar para não fazer ruídos, queria surpreender a irmã. Cobriu os olhos de Kyra que, assustada, deu um salto na cadeira.

— O que é isso, Maya? Claro que é você!

— Como sabe? — Encheu a bochecha marcada de Kyra com beijos, uma atitude incomum.

Sérgio se aproximou e puxou uma cadeira, colocando algumas sacolas sobre a mesa. As sacolas estampavam um simpático filhote de urso dormindo em duas nuvens.

— Foram às compras, né?

Kyra sabia de onde eram as sacolas, loja de bebês que ficavam no shopping onde tinham ido jantar, mas ela não sabia o motivo daquele tipo de compra. Ficou quieta olhando para Maya, que puxou uma cadeira e sentou-se ao seu lado. O semblante da irmã mais nova foi transformando-se até o sorriso desaparecer e o ar de seriedade tomar conta. Kyra alternou o olhar entre ela e Sérgio, ele estava mais sorridente e relaxado do que Maya.

— O que foi, Maya? Você quer me falar alguma coisa?

Estava claro que Maya iria dizer algo, estava na cara, ela não sabia disfarçar nada. Kyra se lembrava muito bem da infância, quando ela pedia para Maya guardar algum segredo e a menina sempre a entregava ao pai, o que garantia surras e gritos que a marcavam pelo resto dos dias.

— Kyra, eu e Sérgio temos que te contar algo. Faz dias que estou pensando em como te dizer isso.

— Eu tenho notado que vocês vivem de cochichos pelos cantos e quando chego mudam de assunto... O que é?

Maya olhou para o namorado que saiu da sua cadeira e foi para trás dela afagar seus ombros.

— Eu nunca pensei que isso aconteceria na minha vida, você sabe que nunca foi algo que quis ou planejei.

Kyra olhou para as sacolas em cima da mesa, o urso nas nuvens parecia abrir o olho e piscar para ela com um sorriso maldoso. Não queria acreditar que os delírios estavam de volta, ela sacudiu a cabeça e voltou a atenção para Maya.

— Diga logo.

— Vamos ter um filho, Kyra. Descobrimos isso há duas semanas, mas eu não sabia como te contar.

Quando tinha 16 anos, Kyra sonhava com uma bicicleta, ela pedia para a mãe quando chegava perto do seu aniversário ou do Natal, mas nunca ganhava. Na época, Maya, com 10 anos, acabou por querer o mesmo que a irmã, a mesma bicicleta. Ela não precisou implorar, o pai chegou com a bicicleta que era maior do que ela no dia do seu aniversário de 11 anos. Maya ficou radiante, mesmo que precisasse esperar para crescer e assim poder usá-la, ela limpava e admirava a sua bicicleta todos os dias. Kyra nunca ganhou nada do que queria, o máximo que ganhava eram roupas que a mãe lhe dava, das quais não gostava. O pai nunca lhe deu nada além de espancamentos. Maya era uma garota sortuda, era o que ela pensava na época e foi o que pensou assim que a irmã lhe deu a notícia.

— Isso é maravilhoso, Maya. Que felicidade! Vocês deveriam ter me contado assim que souberam, por que não?

Ela se lembrou de Orlando falando sobre a sua relação com Paloma “Eu tive que mentir porque te conheço. Eu não poderia falar sobre Paloma”. Kyra sentiu que todos temiam algo relacionado a ela e por isso mentiam ou omitiam as melhores partes de suas vidas. Ela só tinha acesso a muito pouco das pessoas e, geralmente, esse muito pouco era ruim.

— Não sei, irmã, sabe como é.... Bem, você não pode ter filhos. Não queria te deixar triste com a notícia, te fazer lembrar dessas coisas que te machucam.

— Eu vou te ajudar a cuidar desse bebê como se fosse meu, Maya.

Kyra tocou as mãos da irmã sobre a mesa e deu seu sorriso mais largo. Sérgio beijou o topo da cabeça da namorada.

— Não te falei que ela entenderia, Maya? Que ela ficaria muito feliz por nós?

Maya relaxou e beijou as mãos da irmã para então se levantar e abraçar o namorado. Eles ficaram um tempo assim juntos, trocando juras e carícias. Kyra observava tudo como se lentamente ela estivesse desfocada, saindo do próprio corpo. Ela se imaginou no plano de fundo de um filme como uma figurante desimportante.

“Eu sempre quis formar uma família. Não era algo que Maya queria. Ela sempre foi do tipo avulsa, errante, não gostava de se prender a ninguém. Mas veja só...”, Kyra pensava enquanto continuava olhando o casal até eles desaparecerem no corredor dos

quartos levando as sacolas e fazendo planos. “Ela sempre consegue até o que não quer. E você?”, era a voz de Mr. Blackteeth. Kyra cobriu os ouvidos e deitou a cabeça sobre seus cadernos de anotações. Pressionou a testa com força porque uma dor irradiava ainda tímida por sua cabeça.

Ela reuniu seus materiais e voltou para o quarto. Ao passar pela porta do casal, as risadas acompanharam seus passos e envolveram sua dor de cabeça. Toda risada parecia direcionada a ela como se fosse o motivo de chacota perpétua. Kyra se trancou no quarto e organizou uma nova tela para começar outra pintura, precisava distrair a mente. Antes de começar a misturar as tintas, pegou dois comprimidos de analgésicos e os mastigou, a dor aumentava e precisava de efeitos rápidos.

Kyra sentou-se na frente da tela em branco, o quarto parecia abafado mesmo com a janela aberta. A cama estava em cima dela, pouco espaço, sua mente não conseguia visualizar nada no quadro. A notícia que a irmã lhe dera misturava-se à sua crise de enxaqueca. A inveja era um tipo de dor acionada pelas palavras ou ações alheias, pela comparação. Kyra não conseguia deixar de pensar na vida fácil que Maya levava e a dela era feita de sequências de quedas, raramente conseguia se manter de pé. “Eu vivo rastejando como uma cobra velha que não consegue trocar de pele e acaba morrendo sufocada na casca que não lhe cabe mais...” O pensamento veio do que ela estava vendo na tela em branco, um movimento sutil que foi ganhando forma à medida que se movia sob a tela: o corpo longo de uma serpente negra que começou a manchar o vazio do quadro.

Kyra soltou a paleta de tintas e se levantou, tropeçou sobre a cama e ali ficou encarando a tela. A serpente se enroscou no centro do quadro e assim ficou girando em torno de si mesma. A dor de cabeça fazia os olhos de Kyra se embaçarem, ela os esfregava para tentar enxergar uma realidade em que não houvesse serpentes deslizando por telas em branco, mas a normalidade não voltava; por mais que Kyra piscasse e esfregasse os olhos, a serpente continuava ali, girando e girando até ela cair desacordada na cama.

Quando caíra no chão frio da cozinha, ela tinha acabado de vomitar um bolo estranho de pequenas serpentes. Naquele momento, sobre a cama, a sensação voltava a aprisioná-la no aperto constritor por dentro. A parte invisível de Kyra, a que todos chamam de alma, parecia se resumir a uma pasta, algo que se esfarelava enquanto se debatia, tentando se desvencilhar de forças apertadas. Os espasmos faziam seus músculos



saltarem e as pernas dobrarem para trás sem que ela tivesse controle sobre elas. Os olhos de Kyra não fechavam por mais que ela tentasse; ardiam e pulsavam como se fossem pular das cavidades.

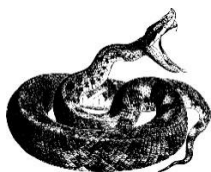
Naquela hora, a voz se aproximou — rastejando — chiada e baixa, uma voz meio feminina misturada à rouquidão de um eco parecido com o tom do Mr. Blackteeth. Não sabia de onde ouvia a voz, mas Kyra se via torta na cama, como acontece em sonhos em que o corpo está inerte e a alma presa por um fio invisível a ele. Não havia fio, seu corpo parecia completamente desabitado ou, pior, parecia ser de outra pessoa. Ela não reconhecia aquele rosto transfigurado em algo nefasto.

— Eu tenho mais de mil motivos para te manter longe — dizia a voz estranha, musical, afinada. É o que a mãe de Kyra dizia ser uma voz inteligente — E eu tenho apenas um motivo para que continue dentro. Você quer continuar? Você quer continuar sofrendo? Mamãe foi embora e papai é o tipo de homem que não presta. A gente está cansada de engolir a bosta dos outros e manter o mundo limpo.

Kyra tentou gritar para fazer aquilo parar, tentou cobrir os ouvidos, mas os braços não a obedeciam. Ela podia sentir as dores excruciantes dos ossos e músculos se dobrando sobre si mesmos e não podia fazer nada. “Quem é você?”, ela conseguiu pensar, mas falar era impossível.

— Eu tenho mais de mil motivos e uma centena de nomes... Lembre-se.

Era mais do que uma voz, era um zumbido de língua bifurcada. Enfim, Kyra conseguiu gritar. O grito começou como algo animalesco até voltar ao tom da sua voz normal. Ela engasgou-se com a própria voz e sentiu o corpo cair sobre a cama como se estivesse flutuando alto. Da porta do quarto, Sérgio e Maya olhavam estatelados, paralisados e mortalmente perplexos.



A imagem da irmã contorcida e fora de si naquela madrugada não saía dos pensamentos de Maya. Ela e a irmã decidiram buscar ajuda de um psiquiatra. Maya temia que Kyra estivesse com algum problema neurológico sério porque aqueles ataques convulsivos pareciam mais frequentes e cada vez mais graves.

Há cinco anos, o pai delas tinha morrido devido ao progresso de uma doença degenerativa que atacou o sistema nervoso central. Era inevitável que Maya relacionasse isso aos acessos epiléticos de Kyra. Era como ver a sequência de um filme ruim onde ela supunha qual o único desfecho possível.

Depois de uma semana do último ataque, Maya conseguiu marcar com um dos psiquiatras mais requisitados da cidade. Ela estava folheando uma revista ao lado da irmã na recepção do hospital. Kyra mexia as pernas sem parar como se não encontrasse a posição certa para ficar sentada.

— Kyra, calma. Vocês vão só conversar hoje. Conte absolutamente tudo o que acontece.

— Tenho medo do que ele pode descobrir, Maya. Tem algo muito errado aqui dentro. — Kyra massageava as têmporas.

— Claro que tem e nós vamos consertar, confie nisso. É melhor buscar ajuda o quanto antes.

Kyra interrompeu a massagem e olhou para a irmã.

— De que foi que o Gael morreu mesmo? — Ela nunca o chamou de pai.

Maya ficou em silêncio e desviou o olhar para o painel de senhas atrás de Kyra. “Salva pelo gongo”, pensou e respirou aliviada.

— É a sua senha, vai lá e conta tudo.

Kyra conferiu o painel e caminhou na direção dos consultórios. Antes de entrar pelo corredor, deu uma olhada temerosa para a irmã, que sorriu para passar confiança.

Maya foi esperar na lanchonete do hospital. Enquanto tomava um café, assistia à televisão suspensa no suporte alto atrás do balcão. Não podia ouvir o som, mas na tela a apresentadora mostrava num mapa a tempestade que iria chegar no dia seguinte. Ela passou a mão sobre a barriga lembrando-se que ali se desenvolvia uma pessoa. “Um dia vai ter rosto e identidade, vai ter seus próprios gostos e os próprios problemas. Um dia vai estar perambulando por esse mundo feito de tempestades”. Tais pensamentos a enchiam de euforia e medo.

Kyra entrou na lanchonete e sentou-se na mesa com a irmã. Maya não tinha percebido que o tempo havia passado, pois estava distraída com o celular.

— Então? Como foi?

— Ele me receitou dois remédios, disse que vão ajudar nas crises de ansiedade. Acha que vou até me ver livre da síndrome das pernas inquietas. Pediu exames neurológicos.

— Que você vai fazer ainda essa semana.

Kyra olhou para as receitas e pedidos de exames em suas mãos.

— Sabe o que mais me assusta, Maya? É pensar que podem não achar nada de errado no meu cérebro e isso continuar acontecendo. E se isso for uma espécie de mal invisível? Sem tratamento.

Maya afagou o ombro da irmã que naquela proximidade parecia mais velha e abatida.

— Não pensa nisso, Kyra. Para todo tipo de problema existem possibilidades de resolvê-lo. Não é nada invisível ou inexplicável. Você até parece o Sérgio falando assim. Ele que acredita em males espirituais e coisas desse tipo.

Kyra achou melhor encerrar o assunto. Assim como a maioria das pessoas, Maya vivia envolta por ceticismo e não seria capaz de penetrar nas camadas dos seus medos porque eles não pareciam reais.

O trânsito até a escola estava tranquilo. Maya deixou a irmã no trabalho e Kyra sentiu que aquele dia iria terminar bem, para seu grande alívio. Nos últimos dias, desde a estranha experiência de madrugada, ela se sentia na maior parte do tempo fora de órbita, distraída, alheia às coisas em volta. Mas ao entrar na sala de aula e rever os alunos um

pouco maiores, Kyra soube que estava no seu devido lugar e a cabeça, por mais enevoada que estivesse, ainda era sua.

Leo correu para abraçá-la, Isa também, entre outros alunos, menos Júlio que permaneceu na primeira cadeira no canto da sala apenas fitando a professora, inexpressivo. Kyra foi até ele e o cumprimentou; de todos os alunos, ele era o único que parecia menor — encolhido — e aquilo a fez se lembrar das suas próprias experiências ruins nos últimos meses. Como os traumas podiam deixá-los pequenos e enfraquecidos. Júlio não a cumprimentou, apenas ficou olhando sem interagir com os outros colegas ou prestar atenção à aula. Ele parecia ausente de si mesmo, como se o corpo estivesse desligado da alma. Kyra não deixou de observá-lo durante todo o período da manhã. Quando o horário das aulas acabou e os alunos saíram aos gritos, ela pediu para que ele ficasse.

Júlio aproximou-se da mesa de Kyra, sua mochila parecia pesar uma tonelada nas costas.

— Quer falar comigo, professora?

Era interessante a dificuldade que Júlio tinha em manter contato visual, seus olhos fixavam-se em tudo menos no rosto dela. Mas, quando Kyra não estava olhando, podia sentir o peso do olhar do garoto.

— Como estão as coisas em casa, Júlio? E a sua mãe?

— Ela piorou, foi para o hospital hoje, ela está desaparecendo.

— Você tem com quem ficar enquanto a sua mãe está no hospital?

Júlio deu de ombros e segurou na alça da mochila. Não parecia mais tão velho aos olhos de Kyra ao fazer gestos de embaraço típicos de crianças tímidas.

— Até tenho, eu fico na casa de uma tia distante. Ela é irmã do meu pai, mas não é irmã de verdade. Eles dizem que ela é adotada, deve ser por isso que ela fica fumando maconha o dia inteiro.

Algo na cabeça de Júlio estava errado, Kyra tirou os óculos de grau e forçou as vistas. Havia duas protuberâncias saltando entre seus cabelos. “Como chifres...”, Kyra pensou e afastou a impressão.

— Vem cá.

Ele se aproximou, desconfiado, e ela o envolveu nos braços afagando sua cabeça. Não havia nada ali e Kyra julgou ter sofrido uma ilusão de ótica.

— Se precisar conversar, pode contar comigo. Quero que me veja como uma amiga, Júlio. Tem o Dario também que é seu amigo, pode procurar qualquer um dos dois quando se sentir triste e sozinho.

— Eu não me sinto triste, professora. Eu não ligo que a minha mãe está sumindo. Às vezes eu quero mesmo que ela morra logo porque ela vai morrer de qualquer jeito.

Era estranha ouvir aquilo de uma criança. Kyra piscou algumas vezes tentando focar o seu olhar em Júlio, mas seu rosto ficava cada vez mais difuso. Indo e vindo como em uma miragem.

— Professora?

Ele estava mais perto, os olhos enormes de retinas elípticas. “Olhos de uma serpente...”, ela sussurrou e sua mente foi jogada para dentro de um lugar branco e silencioso. E o branco sugava qualquer tipo de ruído, seus sentidos se perderam. Ela sentiu a queda da cadeira e a voz de Júlio gritando longe — em outra vida, talvez. Kyra desabou na sala e o menino saiu correndo.

A sala dos professores estava vazia e Kyra tentava encontrar alguém, mas tudo era branco, a falta de cores e o excesso de luz afetavam os seus olhos, ela não conseguia enxergar nada. Mas sabia que ali era a escola porque conheceria aquele lugar de olhos fechados. Ela escutava os ruídos dos brinquedos no parquinho, balanços que rangiam e os gritos das crianças, mas era como estar presa em um aquário. Não podia alcançar aqueles sons. Ela tentou chamar por Júlio, tentou voltar para a sala e terminar a conversa, mas quando Kyra abriu os olhos estava deitada no sofá na sala dos professores. A luz que incidiu em seus olhos era branca e a deixava cega, ela encarava a lâmpada branca da sala.

— Kyra? Você está bem? — A voz era de Dulce, a sua colega da secretaria.

— O que aconteceu, Dulce? Eu estava conversando com um aluno.

— O Júlio saiu correndo da sala e foi dizer que você tinha desmaiado. Eu saí correndo para te ajudar, você estava convulsionando. Foi bem feio. Mas o professor Martin, o rapaz novo de Ciências, tem treinamento em primeiros socorros e te ajudou a não morder ou se engasgar com a própria língua.

Kyra sentou-se no sofá com a ajuda de Dulce, ela estava pálida e trêmula segurando um copo d'água. A professora bebeu, tentando controlar os próprios tremores. Só havia as duas ali.

— Onde está Martin, para que eu possa agradecer?

— Ele teve que ir embora, Kyra. Você demorou muito a acordar, é fim da tarde. Eu tentei ligar para a sua irmã, mas o número não atendia. Eu mesma iria te levar em casa quando fosse embora.

— Eu fiquei tanto tempo assim fora do ar? — Kyra colocou o copo descartável sobre o sofá e massageou as têmporas. — Dulce, posso te pedir um favor?

— Claro, Kyra. Se eu puder ajudar.

— Tem como você me passar o endereço do Júlio César?

A jovem secretária ficou um pouco desconcertada.

— Não sei, Kyra. Não posso passar as informações pessoais dos alunos, mesmo que seja para funcionários da escola.

— Por favor, Dulce. Eu só quero visitar a mãe dele. Ela está com câncer, isso está afetando muito o menino em sala de aula e na vida.

— O Dario está acompanhando o Júlio, Kyra. Não acha melhor se manter fora disso?

— Não. Eu preciso visitá-los.

Dulce acabou concordando, não podia compreender a insistência de Kyra ou o afeto que sentia pelo aluno, mas entregou o endereço que encontrou nos registros escolares. Kyra não queria envolver Maya nisso, por isso, ligou para um táxi em vez de chamar a irmã para buscá-la. Enquanto esperava o táxi na porta da escola com Dulce ao seu lado, ela notou que a jovem ainda estava trêmula apesar de ter recobrado a sua cor.

— Eu estava só convulsionando? Você percebeu algo diferente de uma convulsão?

— Kyra, eu nunca vi ninguém convulsionando. Não posso dizer como é uma convulsão. Mas estava estranha sim, você dizia coisas... desconexas. Martin depois me falou que era uma espécie de idioma morto, hebraico, não sei dizer. Nós dois acabamos por concordar que talvez você estivesse tentando dizer algo e acabou se enrolando e pareceu outra língua não que tenha sido mesmo, entende?

— Sim, vocês acham que viram coisas que não aconteceram, né?

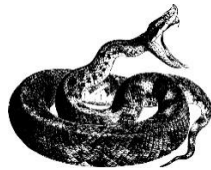
— Aham. É como quando você está bem assustada e acha que ouve e vê coisas no escuro. Um casaco pendurado parece muito com uma pessoa em pé te olhando e o vento parece falar. Acho que é o medo que prega as peças.

— Mas se o Martin também ouviu a mesma coisa que você, duas pessoas podem cair nas mesmas armadilhas da mente? Estou doente, Dulce, vou fazer exames essa semana.

— Eu que falei sobre a língua estranha e o professor disse que achou ter ouvido também, mas não temos certeza. Acho que o medo é meio contagioso, sabe? Você está assustada e acaba passando isso para outra pessoa mesmo que ela não esteja. Eu sinto muito, Kyra. Tomara que você melhore. Tire alguns dias de folga. Ninguém viu a convulsão além de mim e do Martin. Todos já estavam indo embora para almoçar. Olha o seu táxi!

Kyra se despediu da colega com um abraço, gostava muito de Dulce. Elas se conheciam há anos, desde que a garota fora trabalhar ali, recém-saída da adolescência. Ao entrar no táxi, Kyra estendeu o endereço de Júlio anotado no pedaço de papel com a letra bonita de Dulce. Os olhos no retrovisor encararam Kyra por um longo tempo enquanto ela manteve o endereço estendido. O taxista tinha um cheiro forte de tabaco e suor, mas o que incomodou Kyra durante toda a viagem foram os olhos no espelho que estavam sobre ela a cada sinal fechado. Ela começou a balançar as pernas sem se dar conta do movimento.

## 11



O táxi estacionou em frente a uma casa térrea de um bairro nobre. Kyra quase não perambulava por ali, era algo que Orlando faria, o seu tipo de atmosfera requintada. Depois de pagar e se ver livre do olhar estranho do motorista, ela ainda levou um tempo encarando o portão e o interfone. Kyra ponderou se deveria fazer aquilo, se não seria muito invasivo da parte dela, mas a lembrança de Júlio César, seus olhos sombrios e seu jeito estranho fizeram com que ela apertasse o interfone.

Refletindo sobre seu histórico de ataques convulsivos, Kyra notou um padrão. Eles sempre aconteciam após momentos de ansiedade extrema ou de sentimentos negativos alcançando o ápice. Aquele último ataque na escola foi o mais duradouro e grave. Ela simplesmente não se lembrava de nada, mas ele fugia do padrão. Kyra não sentiu nada antes, nenhuma sensação ruim, nenhum tipo de raiva, ódio, inveja, nada... Ela estava apenas conversando com Júlio, delirou sobre ver pontas de chifres saltando da cabeça do menino, mas seria isso apenas um prenúncio da crise? Era seu cérebro agindo de forma errada?

— Olá? — A voz ecoou do interfone como o sussurro de um fantasma.

Kyra se assustou, não se lembrava de ter apertado o botão, muito menos do que tinha ido fazer ali na casa do garoto.

— Oi, sou Kyra, professora do Júlio.

O portão abriu, Kyra esperou a pessoa que atendeu vir ao seu encontro, mas ela não apareceu. Então, ela entrou um tanto desconfiada e aproximou-se da porta da sala de entrada. Uma mulher estava lá, parada, olhando para ela, seu estado era assombroso. O corpo era pequeno e encarquilhado dentro de um roupão de dormir. Os cabelos tinham caído por inteiro deixando o casco reluzente à mostra, os olhos fundos pareciam constantemente arregalados e ela não tinha cílios. A pior impressão que Kyra tinha era a



da falta de pelos e da tonalidade da pele verde-acinzentada que deixava a mulher parecida com um réptil bípede.

— Oi, eu sou a Kyra.

— Sim, a professora do Júlio. Pode entrar. Desculpe meus trajes, estava na cama. Eu sou a mãe dele, Vera.

— Desculpe aparecer assim sem avisar, Vera. Espero não estar sendo inconveniente. Sei do seu estado e não quero te incomodar.

— Não precisa pedir desculpa. Faz tempo que não recebo visitas.

Vera trouxe duas xícaras de chá fumegantes para a sala. Kyra estava sentada observando a decrepitude das mãos trêmulas, pareciam garras segurando as alças das xícaras, havia esparadrapos envolvendo as pontas dos dedos. Kyra pegou a xícara estendida e tentou disfarçar o seu constrangimento, ela estava aterrorizada pela aparência de Vera. Aquilo não parecia mais um ser humano, era como se a doença se personificasse no que restou do corpo da mulher, tornando-se ela por inteiro e matando o que Vera tinha sido antes, quando podia contar com sua saúde perfeita.

— Vou ter que me deitar. — Vera se acomodou no sofá ao lado de Kyra. — Sinto muito por não ficar sentada ou não te oferecer mais nada além do chá. Minhas costas doem o tempo inteiro se fico em pé ou sentada.

— Tudo bem, Vera. Eu vim porque estou muito preocupada com o Júlio. Ele contou sobre a sua doença e o que andam passando. O caso está muito avançado?

— Olhe para mim, professora... Acho que isso responde a sua pergunta. Foram os meus ossos, está neles e foi se espalhando. Eu sinto como se meus ossos fossem toras de chumbo que vão rasgar a carne a qualquer movimento.

— Vera, me desculpe a indiscrição..., mas como o Júlio está encarando tudo isso?

Vera observou-a por um longo tempo. A fumaça da xícara passava por seu rosto, deixando-a ainda mais sobrenatural aos olhos de Kyra. Os olhos lacrimejavam o tempo inteiro e não dava para saber se era irritação ou lágrimas. Talvez fossem as duas coisas, uma tristeza irritada.

— Eu não te conheço, Kyra, mas eu posso notar a sua generosidade em vir até aqui checar no seu aluno e agradeço muito por isso, mas o Júlio não é tão inocente quanto você acredita. Eu sei que isso soa louco e cruel vindo da própria mãe dele, mas ninguém o conhece como eu.

Kyra lembrou-se do primeiro dia em que viu Júlio na escola, de como ele era observador ao ver sua cicatriz coberta por camadas pesadas de maquiagem. Depois, durante as aulas, seu comportamento antissocial a preocupou. Kyra se interessou por ele porque ela se via na figura do garoto traumatizado, era como encontrar consigo mesma aos 9 anos. Ela queria ajudá-lo como ninguém havia feito por ela na infância. Mas sempre teve um pé atrás em relação a Júlio, um sentimento misto de afeto e medo.

— O que a senhora quer dizer? Ele deve estar tentando reagir a essa situação da sua forma. Eu o encaminhei ao psicólogo da escola. Ele vai melhorar, Vera.

— Não é essa a questão. Júlio é um menino diferente, professora. Não digo que é diferente no sentido especial como as mães costumam achar que seus filhos são diferentes de todas outras crianças. Mas é diferente no sentido ruim mesmo. Eu estava prestes a me separar quando descobri que estava grávida, só que eu não posso ter filhos. E nunca quis ter um.

Aquilo fez Kyra se remexer no sofá, as pernas começaram a balançar.

— Aí de repente eu estava grávida. Ele achou melhor tentarmos ficar juntos por causa do bebê. Esse foi nosso erro, nós não nos aguentávamos mais, o casamento foi um erro. Mas ele acreditou que Júlio era um milagre, algo divino. Só que foi o contrário. Ele não é meu filho, Kyra. Nunca foi. Quando o pai dele morreu afogado na piscina, eu vi Júlio sorrindo na beira. Ele não chorou ou entrou em choque como qualquer criança faria, ele só ficou ali parado sorrindo enquanto o corpo do pai boiava.

Kyra estava confusa, Júlio tinha aquele tipo de olhar estranho, mas não sabia como dizer a ela que tudo aquilo não passava de delírio. Por outro lado, parte dela conseguia acreditar e entender cada palavra.

— Você está insinuando que Júlio não é seu filho? Então de quem ele seria?

— Durante os cinco primeiros anos eu não queria admitir que não conseguia amar meu próprio filho. Fui a muitos especialistas que falaram sobre depressão pós-parto e todo tipo de desequilíbrio. Acreditei nisso por um tempo, ignorando o incômodo que sentia por ser forçada a cuidar do Júlio. Até que meu marido morreu... dessa forma estúpida e fui eu quem encontrou seu corpo. A imagem do sorriso de Júlio nunca vai sair da minha memória.

O chá tinha perdido o gosto, Kyra deixou a xícara quase intocada sobre a mesa do centro da sala. Ela notou os lábios de Vera projetados para soprar o seu chá e aquilo era

grotesco, a forma que a pele se enrugava nos lábios murchos. Os dentes dela estavam amarelados e feios.

— Quando você descobriu a doença?

Vera deu um gole no chá e pensou um pouco.

— Assim que o pai dele morreu, foi uns dois meses depois. Começou com dores nas articulações, eu achava que era só porque eu estava me esforçando muito. Eu sempre fui uma atleta; assim como você, eu ensinava a criançada, mas era a se movimentar. A minha área é educação física. Júlio parece gostar dessa situação, ele não fala comigo e há muito tempo parei de tentar me aproximar. Eu vejo ele me olhando quando estamos na mesa e parece sorrir daquele jeito...

Ela se sacodiu, tremendo como se um arrepio percorresse seu corpo. Kyra estava prestes a perguntar se Júlio estava em casa quando escutou ruídos vindos do lado de fora. Eram sons de alguém mergulhando na piscina, alguém se afogando. Vera levantou com muito esforço olhando para fora, Kyra acompanhou seu gesto e ficou de pé, os olhos mal piscavam.

— O que é isso?

— Júlio! — Vera gritou e tentou correr, mas suas pernas vacilaram e ela caiu esparramada no sofá. Kyra saiu correndo na direção dos ruídos. Assim que saiu pela porta da sala viu a piscina no canto do quintal, alguém se debatia lá dentro. Só podia ser Júlio, ela correu e não pensou duas vezes antes de saltar para ajudá-lo.

A piscina era do tamanho médio, não parecia ser tão funda quanto o mergulho sugeria. Ela nadou até onde conseguiu, mas a piscina não tinha fim. Era como cair num abismo, tudo ao redor era negro. A agitação da água desapareceu, só restando os seus próprios pés mantendo-a em movimento. Os olhos bem abertos ardiam, Kyra olhava em volta engolindo as bolhas de ar que escapavam da boca e do nariz. Ela tentava chamar por Júlio, mas as bolhas a faziam engasgar. Ela girou ao redor do próprio corpo, suas pernas estavam fracas e não conseguiam manter-se em movimento. Ela olhou para cima, a superfície parecia tão longe quanto o céu acima dela. Céu e superfície se misturavam.

Kyra projetou o corpo para cima, mas a superfície se tornava mais distante. Era como tentar alcançar as nuvens com os dedos estando no fundo de um poço. Lá no alto ela via as silhuetas disformes de duas pessoas. “Vera...”, ela pensou, mas a segunda pessoa não podia adivinhar. O ar estava acabando, Kyra começou a se debater usando

toda a sua energia para chegar até a superfície. Um dos pés estava preso. Ela olhou para baixo e viu a enorme cabeça de serpente, uma espécie de píton três vezes maior do que o normal. Os olhos amarelos reluziam na escuridão do abismo. Seu corpo enroscava-se na perna de Kyra em um aperto constritor, a boca se abria aos poucos como se fosse um buraco negro no centro do espaço sideral.

Kyra gritou e tentou chutar a criatura, seus olhos buscavam a superfície cada vez mais distante, suas mãos estavam para cima. “Pai, por que me abandonaste?” Ela lembrou-se do grito de Jesus na igreja e aquela súplica fez todo sentido, mas por que se lembrou logo daquilo? Seus pés estavam sem força, não podia mais lutar. Ela evitava olhar para baixo, a boca daquela criatura estava prestes a engolir o seu corpo. Ela lembrou-se de Júlio, será que o menino tinha caído naquele abismo? Mas era apenas a piscina no fundo de uma casa... A parte racional da sua mente tentava tranquilizá-la. O último fio de ar saiu pela boca de Kyra em uma rajada de bolhas aglomeradas.

Ao abrir os olhos, as nuvens deslizavam preguiçosas no céu laranja do fim da tarde. O primeiro rosto que ela viu foi o do menino. Júlio estava observando-a de perto.

— Professora! A senhora quase morreu igual ao meu pai!

Ele a abraçou com lágrimas nos olhos. Kyra não tinha reação, demorou a se lembrar de onde estava. De alguma forma, ela não conseguia se lembrar da própria vida.

— Júlio, você estava se afogando...

Kyra desvencilhou-se do abraço e percebeu que ele estava seco, nunca tinha caído na piscina. Ela se levantou e sentiu a tontura nublar seus pensamentos.

— Júlio, onde está a sua mãe? Estávamos conversando quando ouvimos um barulho na piscina.

Depois daquilo, Kyra não podia mais lembrar-se do que aconteceu. Um bloqueio na memória. Ela cambaleou até a sala e se sentou, as pernas doíam como se tivessem sido prensadas. Massageou os tornozelos e levantou a calça, havia uma marca profunda na sua carne que envolvia toda a panturrilha como se tivesse sido pressionada por uma corda ou algo do tipo.

Júlio parou perto do sofá, ficou encarando a professora.

— Você fez isso para me salvar?

— Claro. — Ela olhou para ele. A casa estava abandonada como se ninguém morasse lá há tempos.

— Obrigado, Kyra. Você é melhor do que a minha mãe. Queria que você fosse a minha mãe. — Ele voltou a abraçá-la. Daquela vez, Kyra retribuiu e beijou a cabeça do menino.

— Me diga, Júlio, onde está a sua mãe? Ela foi descansar? Não entendi o que acabou de acontecer aqui.

O garoto tinha lágrimas nos olhos, com muito carinho ele colocou mechas de cabelo atrás da orelha de Kyra.

— Minha mãe morreu essa manhã, professora. Depois que cheguei da aula fiquei sabendo. Eu estava na casa da minha tia, ela veio buscar umas coisas para mim, está lá no quarto da minha mãe. Quer falar com ela?

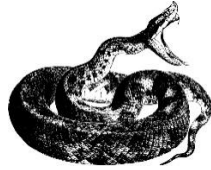
Kyra afastou-se de Júlio e saiu do sofá. Vera tinha a recebido ali, tomaram chá juntas. Kyra olhou para a mesa de centro onde uma xícara descansava com o chá intocado. Mas não encontrou a segunda xícara que Vera tinha deixado ali também.

— Eu preciso ir embora, Júlio.

— Mas por quê? — Ele quase agarrou-a pela perna, mas Kyra saiu correndo da casa sem olhar para trás.

Depois de andar depressa por dois quarteirões, ela sentiu a fraqueza arrebatá-lo seu corpo e encostou numa esquina para respirar fundo. As suas mãos tremiam, as roupas molhadas pareciam pesar uma tonelada. Ela ligou para a irmã e disse onde estava.

## 12



Maya organizava os frascos ao lado da cama enquanto Kyra delirava de febre. Um dia antes, ela recebeu sua ligação para buscá-la em um bairro afastado onde só moravam pessoas ricas. Maya não compreendeu o que a irmã fazia ali, ela não disse nada quando entrou no carro e dormiu o resto da noite, acordando de madrugada ardendo em febre. Maya entregava os remédios para ela que engolia sem abrir os olhos, a febre não cedia.

Depois de fazê-la tomar os remédios, Maya foi ligar para marcar uma consulta para Kyra. Antes que pudesse completar a ligação, ouviu as batidas na porta. Com os nervos à flor da pele, Maya sentiu medo das batidas como se fossem um prenúncio de algo ruim. Ela desligou o telefone e riu, sentindo-se tola por se assustar à toa. Atendeu a porta e deu de cara com um entregador comum segurando uma caixa em nome de Kyra.

Maya assinou e pegou o pacote, colocou-o sobre a mesa da cozinha e ficou olhando, tentando adivinhar o que poderia ser aquilo. Sérgio entrou pela porta minutos depois que o entregador tinha ido embora, encontrando a namorada de pé em frente à caixa de papelão.

— O que é isso?

Ele colocou o capacete da moto sobre o sofá e foi em direção à cozinha.

— É uma encomenda para a Kyra, não faço ideia do que possa ser...

Sérgio estava pegando um copo de suco na geladeira enquanto encarava o pacote.

— Isso não é da nossa conta, Maya. Não está pensando em abrir coisas dos outros, né?

— Do jeito que ela anda, acho que é mais seguro eu ver isso antes que ela abra.

— Ela vai ficar chateada, Maya. Dê um voto de confiança à sua irmã. Entregue para ela quando ela estiver melhor. Ela melhorou?

— Não. Desde às 3 horas está com febre e não cede. Vou levá-la ao médico caso não melhore essa manhã.

Maya pegou a caixa e sacudiu, algo lá dentro bateu de um lado ao outro, mas era leve. Ela podia levantar com uma mão.

— Pare com isso, Maya.

Sérgio deixou a cozinha sorrindo. Não demorou muito até que Maya ouvisse sua voz perplexa vinda do quarto dos dois.

— O que é isso, Kyra? — Sérgio falava alto.

Maya correu até lá e ficou parada na porta. Kyra estava de ponta cabeça no canto do teto, as mãos presas com facilidade nos cantos da parede.

— Kyra? — Maya gritou, mas a irmã não se moveu, a cabeça estava baixa com o queixo tocando o tórax. Ela estava toda encolhida como um caracol dentro de sua casca, em uma posição impossível.

— Sérgio! — Maya correu e puxou o namorado, ele estava logo abaixo de Kyra observando.

— Pelo amor de Deus, Sérgio, faça alguma coisa.

Ele abraçou Maya e a levou para fora do quarto. Os dois ficaram ali, em pé, no meio da sala, atordoados demais para tomar qualquer atitude.

— Vou ligar para o padre Carmo.

— O quê? — Maya estava tão histérica que ela mesma se assustava com a altura da própria voz. — O que o padre Carmo pode fazer? Vou ligar para uma ambulância, isso foi o cúmulo da loucura!

— Não, Maya. Olha, me escuta. — Sérgio jogou o telefone no sofá e segurou as duas mãos dela. — Escuta, Maya, a sua irmã está passando por um processo muito doloroso, ela está sofrendo uma obsessão. E precisamos tomar uma providência agora, antes que seja...

— Que gritaria é essa? — Kyra entrou na sala. Suas mãos massageavam as têmporas como sempre fazia ao sair das crises de enxaqueca.

Maya saiu para a cozinha enquanto Sérgio olhava para a cunhada com um semblante empalidecido e assustado.

— Kyra? Você está bem? — Ele se afastou alguns passos para trás. Kyra sentou no sofá e observou os dois.

— Sim, acho que a febre passou. Eu estava sonhando... Foi horrível. No sonho, tinha essa voz que sempre me persegue desde a infância.

Maya veio com o pacote e jogou-o no colo da irmã.

— Chegou para você. Kyra, quando você melhorar, por favor, procure outro lugar para morar.

Sérgio não esperava uma reação daquela vinda de Maya, ele foi atrás dela, que se trancou no quarto para chorar. Ele tentou fazê-la abrir a porta, mas sabia que não adiantaria. Voltou para a sala, Kyra estava em frente ao espelho grande que ficava ali, vestindo uma máscara de silicone que se encaixou perfeitamente em seu rosto, como uma segunda pele escondendo as imperfeições e a cicatriz da bochecha. Quando ela se virou para ele, tornou-se assustadora. Aquela pele falsa dava a impressão de que Kyra não passava de uma boneca, seus olhos estavam irritados, muito vermelhos, e de alguma forma pareciam maiores.

— O que é isso, Kyra?

— É a minha encomenda! Tem noção do quanto juntei para conseguir isso? Finalmente, Sérgio, estou livre daquela marca, veja.

Ela se aproximou dele e pegou sua mão, fazendo-o tocar seu novo rosto. A textura era macia, como tocar uma boneca de borracha. De perto, aquela máscara parecia muito o próprio rosto de Kyra.

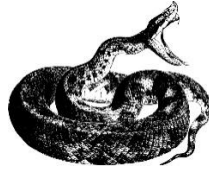
— Ah legal. Mas vai usar sempre?

— Claro, só vou tirar para dormir.

Ela não parecia abalada pelo que Maya tinha acabado de falar, estava tão envolvida com sua encomenda e sua nova face que não se importava com nada em sua volta. Kyra ficou um bom tempo se observando no espelho da sala até pegar a caixa de papelão vazia e ir para o seu quarto. Sérgio ainda fez a ligação para Padre Carmo aquela noite, sem que Maya soubesse.



## 13



Padre Carmo encontrou o caminho da luz depois que atravessou a escuridão. Aos 16 anos, Giovanni Carmo sentia-se obsidiado, fora de si. Os pais sempre foram religiosos e enviaram-no ao seminário para iniciar sua trajetória como padre a pedido do próprio garoto. Carmo não queria voltar a sentir aquela sensação escura, a falta de si mesmo, dedicou a vida a continuar vigiando sua alma e a ajudar aqueles que se encontrassem desorientados.

Na última noite, padre Carmo havia feito as orações antes de se deitar, mas o sono não veio logo. Ele se sentia inquieto e angustiado. Carmo era um homem muito sensível e às vezes pressentia maus acontecimentos. Não sabia presumir ao certo o quê ou quando algo ruim iria acontecer, mas podia sentir uma aproximação sombria, como nuvens carregadas quando cobrem o sol anunciando chuva.

O telefonema que recebeu confirmou de imediato o seu mau pressentimento. Do outro lado da linha, a voz de Sérgio estava trêmula e sussurrada. Ele dizia que a cunhada apresentou sinais de subjugação. Após aquela etapa, os dois sabiam o que viria, possessão que era, em muitos casos, um caminho sem volta.

Padre Carmo combinou com Sérgio que iria até lá assim que o dia amanhecesse. O rapaz parecia assustado.

— Não vou conseguir pregar os olhos essa noite, padre.

— Nem eu, filho — respondeu o padre.

Às 8h35 do dia seguinte, Sérgio ligou para Carmo assim que Maya saiu para o trabalho, pois não queria discutir aquele assunto com ela. Kyra ainda estava dormindo e ele evitou incomodá-la.

Depois de alguns minutos, Sérgio abriu a porta para Carmo entrar. Ele estava com sua batina e cobria-se com um casaco grosso de lã. O sol estava encoberto por densas nuvens e dentro da casa o frio parecia mais forte.

— Onde ela está?

— Dormindo. Ontem teve febre o dia todo. Trouxe as coisas? Água benta, crucifixo?

— Não, Sérgio. Primeiro quero vê-la. Não posso fazer nada sem a aprovação da Igreja. E mesmo que nós tenhamos provas suficientes, não serei eu quem fará algo por ela.

— Como assim? Eu só confio no senhor, Maya também. E Kyra parece que gostou de conversar com o senhor.

— Eu nunca fiz um ritual desse tipo antes, Sérgio. Há homens mais preparados do que eu para isso. E não importa agora se Kyra gostou de mim, não é com ela que estaremos lidando. Sérgio, você tem ideia da força do Mal? É algo que eu não quero e não tenho como combater, ainda sou fraco para isso.

— O senhor é o homem mais correto para isso, padre. Não conheço um ser humano melhor que você.

— Sérgio, isso não é o suficiente. Eu sou apenas um homem no fim das contas, ainda há bastante medo. Eu ainda sinto muito medo do que a força do Mal é capaz de fazer. E o Mal sabe quem o teme, ele fareja e usa isso contra nós.

Kyra estava de pé no canto da sala, observando-os. Eles não escutaram nenhum ruído da sua aproximação. Ela tinha um belo sorriso no rosto de borracha.

— Estavam falando de mim? Ouvi meu nome.

Então, ela se esgueirou para a cozinha em seu roupão de seda entreaberto mostrando o corpo nu. Sérgio estava atordoado, não tirava os olhos de Carmo, que, por sua vez, parecia indiferente àquela aparição.

— Bom dia, Kyra. — Carmo a seguiu até a cozinha. — Seu rosto está diferente.

Kyra estava na pia, de costas para ele, cortando lascas de uma maçã vermelha com movimentos lentos, como se fosse a réplica do próprio pai ao comer suas maçãs com o canivete suíço. Depois de comer dois pedaços, virou-se para o padre e não se importou com o corpo à mostra, seu roupão estava todo aberto.

— Eu sou uma nova mulher, padre. Hoje acordei me sentindo tão completa. Não só pela máscara que cobriu a marca, mas eu superei tudo, os traumas, os complexos. É como se eu me sentisse eu mesma pela primeira vez.

— Certo. Posso ver seu rosto?

— Está me desejando? — Ela aproximou-se do padre e encostou em seu corpo, os olhos arregalados negros brilhantes ergueram-se para o rosto dele.

— Como poderia desejá-la, filha? Sou um homem santo.

De perto, o rosto de Kyra estava tão uniforme que ninguém diria se tratar de uma máscara de silicone. Ela encostou mais o corpo no dele, insinuando-se.

— Me diga, Kyra, você aceitaria me acompanhar até a igreja hoje?

— Não posso, padre. Preciso ir trabalhar, aquela escola é a minha igreja. — afastou-se sorrindo.

— Kyra, eu chamei o padre Carmo porque você não está nada bem. — Sérgio parou a uma distância segura da cozinha.

— É? Mas nunca me senti tão bem! Hoje vou almoçar com o Orlando, quero que ele veja meu rosto, quero que morra de arrependimento por todas as humilhações. Aquele porco machista, um tremendo cuzão!

Sérgio nunca tinha ouvido aquele palavreado sair da boca de Kyra, os termos chulos eram reservados ao jeito de Maya. Kyra fechou o roupão e apontou para ambos com a faca.

— O problema de vocês é que não podem ver uma mulher reerguida, completa e dona de si mesma. Vocês tratam logo de demonizar. E gritam como bebês chorões: histéricas! Loucas! Possuídas! Cospem essas coisas sobre nós porque têm medo, vocês cagam de medo de uma mulher inteira! Porque são ratos imundos! Ratos em que eu piso e como!

Ela lançou a faca na direção de Carmo, que se jogou para o lado. Ele tinha bom senso premonitório e acompanhou o movimento sutil que ela fazia com a faca enquanto berrava num tom de voz tenebroso.

— Kyra! — Sérgio a segurou pelos ombros. — O que está acontecendo? Você precisa lutar contra isso!

— Sérgio, querido — ela tocou as mãos dele sobre si —, por que eu lutaria contra algo que me trouxe de volta à vida? Agora, preciso ir trabalhar. Se eu encontrar o homem

santo na minha frente de novo, eu juro que não erro a pontaria. Não preciso dele, Sérgio. Eu não preciso de ninguém.

Kyra foi para o quarto. Eles escutaram a porta bater, fazendo a estrutura da casa estremecer. Carmo limpava as gotas de suor frio da testa com um lenço.

— Padre, o que faremos? Essa coisa... ela dominou Kyra. Nunca a vi desse jeito. Parece outra pessoa.

— Onde ela conseguiu essa máscara, Sérgio?

— Não faço ideia. Chegou ontem, desde então ela não tira. Acho que comprou pela internet.

— Se puder, descubra onde ela conseguiu e me fale. Há algo de errado com essa sua nova pele.

— Você acha que é isso que está deixando-a assim? Mas o episódio do teto aconteceu antes de ela colocar a máscara.

— Não estamos lidando com subjugação aqui, Sérgio. Kyra está possuída e já estava quando colocou a máscara. Pode não querer dizer nada ou pode ser que a máscara tenha selado seu corpo de tal forma que o que entrou não poderá sair mais. Nem mesmo Deus poderia livrá-la.

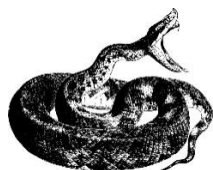
— Está me dizendo que Kyra não tem salvação?

— A salvação só é alcançada por aqueles que a buscam, que lutam por ela. Pelo o que vi aqui, Kyra está...

— Entregue. — Sérgio completou e olhou para a cunhada vindo do quarto. Ela pisava com saltos altos e o corpo quase nunca exposto estava metido num vestido curto que Kyra havia usado apenas uma vez.

— Estou indo para a escola, depois para o almoço com o crápula. Vão ficar aí discutindo como salvar a minha alma?

Ela abriu um largo sorriso e saiu assobiando uma das suas canções favoritas do seu cantor favorito, *Skyline Pigeon*.



Dulce viu Kyra passar pela recepção e não a reconheceu de imediato, acreditava ser a mãe de algum aluno, mas ao observá-la com mais atenção, reconheceu com algum esforço.

— Kyra? — Ela saiu de trás da mesa e foi na direção da professora.

— Oi Dulce! Não te vi aí, estou atrasada.

— Nossa, você está tão diferente que eu mal te reconheci! Sua pele está maravilhosa, o que é isso? Produtos novos?

— Não, é meu segredinho, Dulce, não vou compartilhar. Que bom que gostou!

Elas duras sorriram, a jovem secretária ficou um tempo olhando admirada para ela para em seguida voltar ao trabalho. Na sala dos professores, quando Kyra entrou, as conversas acaloradas param de súbito. Todos estavam encarando-a.

— Olá, pessoal.

Antes, ela sequer cumprimentava-os, encolhia-se em sua cadeira e falava apenas com quem lhe dirigisse a palavra. Kyra abriu o largo sorriso para todos, alguns responderam, outros voltaram a conversar. Ela pegou um copo d'água e observou os colegas interagindo. Um deles, alguém novo, aproximou-se dela um pouco constrangido.

— Oi, Kyra, sou o Martin. Eu te ajudei no dia em que teve um contratempo de saúde.

— Ah, Martin, queria mesmo ter te agradecido antes, mas não tive como. Depois daquele dia eu caí de cama, uma gripe horrível. Ainda bem que você estava por perto naquele dia, me salvou.

— Não, que isso, é o que qualquer um faria.

Kyra aproximou-se do colega e sussurrou em seu ouvido.

— Não, querido, não é o que qualquer um faria. Aqui, se puderem, comem seu rabo só pelo prazer da diversão.

Ela se afastou e se divertiu com a palidez embaraçosa que viu no rosto jovem e bonito do professor de Ciências.

— Você leciona Ciências? Fala sobre bichos? Corpo humano? Ecossistemas?

— Basicamente. — Ele desviava os olhos do rosto dela, desconcertado.

— Eu te deixo nervoso, Martin? Você mal consegue sustentar o meu olhar.

— É, eu não sou bom com o tal contato visual. Acho que é timidez.

— Você quer transar comigo?

A voz de Kyra atraiu atenção de duas professoras que conversavam ali perto, elas trocaram olhares envergonhados e condenaram Kyra, balançando as cabeças de forma negativa.

— E-e-u... preciso ir para a sala. — Martin saiu apressado sem olhar para trás.

Kyra fitou as duas professoras que ainda olhavam na sua direção, uma delas cochichava algo.

— Vocês estão falando de mim? Por quê? Vocês querem transar comigo também? Vamos? Que tal? — Kyra abriu os botões do decote do seu vestido, mas Dulce entrou no exato momento em que ela pretendia mostrar os seios para as professoras fofoqueiras. Os presentes na sala ficaram perplexos, alguns saíram dando risadas.

— Kyra?! Mulher, vamos sair daqui.

Dulce puxou-a pelo braço e foram para longe dali. Ela levou a professora para a cozinha da escola onde eram preparadas as refeições dos alunos.

— O que está acontecendo com você, Kyra? O Martin foi me falar que você não estava bem. Chego lá e vejo aquilo?

— Aquelas velhas fuxiqueiras! Elas vivem falando de mim pelos cantos, co-chi-chan-do, para ser mais específica. Elas ficam fazendo murmurinhos de ratos, sabe? Eu não vou tolerar mais isso. Estou ótima, Dulce, nunca estive tão lúcida. Martin é outro fuxiqueiro, né? Cagão. É outro cuzão igual a todos.

— Calma, Kyra. Ei, eu só quero te ajudar aqui, e se a diretora te visse? E o coordenador?

— Kyra? — Era Dario na porta da cozinha. Ele estava na sala quando a amiga foi levada por Dulce.

Kyra se lançou aos braços dele em um choro convulsivo. Dulce permaneceu ali parada, boquiaberta, tentando compreender aquela oscilação de humor de alguém tão equilibrada e serena quanto Kyra. Elas se conheciam há anos, Dulce a tinha como uma irmã mais velha. Entristecida pelo estado na qual a via, a garota deixou-a com Dario, que poderia cuidar melhor da situação.

— Vamos para a minha sala. — Ele a levou até lá, Kyra andava abraçada a ele, escondendo o rosto enterrado em seu ombro.

Ao entrarem, Kyra sentou-se e cobriu o rosto com as duas mãos, o corpo continuava balançando por causa do choro ininterrupto. Dario pegou um copo d'água e esperou, sentado ao lado dela, até que ela pudesse se acalmar e beber um pouco. Demorou até que Kyra conseguisse segurar o copo, seu rosto estava avermelhado e desesperado, os cabelos amontoados, embaraçados e opacos.

— Estou louca, Dario. Acabou, eu sinto que estou louca. As coisas que eu digo, faço e penso não vêm de mim, não sou eu! — Ela entrelaçou os dedos nos cabelos e os puxou para trás. — Eu não sou eu! Eu não sou eu! — repetia sem parar.

— Kyra, respira fundo, vamos, respire comigo. — Ele tocou a mão dela e a ajudou a reencontrar a respiração certa.

Kyra aos poucos se acalmou, mas ficou sentada na cadeira com o olhar vazio à frente. Dario estava sentado atrás da sua mesa e a fitava, preocupado.

— O que aconteceu antes para se sentir tão descontrolada? Você nunca me procurou para conversarmos sobre isso, eu achei que estava tudo bem. Eu soube da separação, mas você parecia tão nos eixos, Kyra. Sempre pareceu uma pessoa tão tranquila.

— Ah, Dario, eu achei que estava tudo bem também até começarem... as lembranças antigas, aquelas que eu achei que tinha esquecido. Eu fui abusada, espancada, estuprada, queimada e mais um monte de coisas desumanas que meu pai fazia comigo. Eu achei que tinha superado tudo isso, mas às vezes nós só escondemos a sujeira embaixo do tapete até que um dia esquecemos e, ao puxarmos o tapete, a coisa toda se espalha aos quatro ventos!

— Entendo, Kyra. Você já fez terapia? Enquanto não encarar tudo isso essas coisas vão continuar te assombrando, querida.

— Não, nunca fiz nada disso, sabe por quê? Porque eu podia lidar sozinha, Dario, eu estava lidando bem até que... Foi aquela tela que comecei a pintar, era uma imagem. Na infância o céu noturno ficava emoldurado na janela do meu quarto e eu ficava olhando para ele fixamente esperando o meu pai entrar pela porta para fazer o que sempre fazia. O céu ficava dentro da minha cabeça e quando tinha estrelas era mais inesquecível ainda. Eu pintei ele, e então, apareceu a serpente no meio, intrusa. Não fui eu quem pintou aquela coisa!

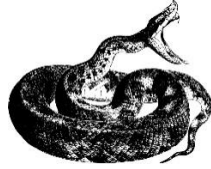
— Kyra, tem muita coisa aí dentro acumulada que precisa jogar fora. Você só vai...

Dario interrompeu as palavras porque notou algo estranho no rosto da colega. Sua pele estava enrugada, descolada. Ele saiu da cadeira e aproximou-se. Kyra levantou os olhos assustados para ele.

— O que é isso? — Ele tocou a testa onde as camadas enrugadas estavam piores, seu dedo deslizou fazendo a pele deslizar junto.

Kyra saltou da cadeira e cobriu o rosto. Não adiantaram os protestos de Dario, ela saiu pela porta correndo sem dar atenção aos chamados dele ou de Dulce, que ficou na recepção atordoada ao ver Kyra correndo para fora dali.





O rio que corria naquele local da cidade estava quase seco. Sempre foi o lugar preferido de Kyra. Orlando a levou ali na primeira noite em que saíram, o céu estava estrelado do jeito que ela gostava e ele parecia ser agradável, pelo menos a fazia rir. Foi para lá que Kyra dirigiu chegando ao máximo da velocidade que seu carro 1.0 conseguia atingir.

O bosque estava quase vazio, não fosse por um ou outro corredor ocasional passando pela trilha de caminhada. Ela se sentou na ponte de pedras, os pés suspensos e livre dos saltos altos balançavam. Desde o episódio da piscina e da febre, ela nunca mais tinha sentido as pernas se movimentarem fora do seu controle. Kyra encostou a testa na estrutura de madeira da ponte e sentiu o seu rosto ceder como se saísse do lugar. Uma onda de fúria a invadiu apagando o que havia da sua fraca consciência de si mesma.

A escuridão veio e a levou para longe no mesmo abraço constritor que a fazia sucumbir, algo tomava o controle do seu corpo. Kyra se encolhia chorosa num canto da própria mente fragmentada.

Suas mãos foram até o rosto e começaram a arrancar camadas e mais camadas de pele. Ela continuou nesse movimento até ter o rosto inteiro arrancado, mas não era apenas sua máscara que saía. Kyra sentiu a sua face, a verdadeira, com a marca grotesca do passado, sair por completo e um cheiro forte de sangue subiu por seu nariz. A pior dor foi a latência ardente que tomou conta do seu cérebro. Ela tinha noção de que estava se mutilando, mas não conseguia parar.

O grito que ecoou da sua boca fez os bichos ao redor saírem espantados das árvores. Foi como se toda a natureza reagisse à sua presença porque até os galhos se moveram para longe dela. Kyra cambaleou ao sair da posição em que estava sentada na

ponte, lutando contra seu próprio rosto ao retirar mais pedaços de pele e tentar controlar as mãos que não a obedeciam.

Girou em torno do próprio corpo como os personagens de seus desenhos animados preferidos faziam na infância. Sentindo-se patética e amaldiçoada, Kyra tentou fazer o corpo sair do estado de inércia, mas ela não podia controlá-lo.

A voz veio de algum lugar fundo da sua alma, a voz rouca de Mr. Blackteeth que agora tinha um aspecto mais pegajoso, meio feminino e chiado com os “S” formando-se em uma língua bifurcada.

— Podemos fazer isso pelo resto da sua vida, Kyyyyy-raaaaa, massss o que foi, mocinha? Por que resistir? Eu te dei a vida!

— Isso dói! Deus, como dói! — Kyra gritava mesmo que seus lábios materiais estivessem esfolados, comprometidos com suas mãos que continuavam arrancado lascas de peles.

— Oh pobrezzzzinha, a dor vai passssar, apenassss durma, queridaaa...

— Quem é você?

— Eu sssssou vossêeeeeee...

A primeira gota de chuva caiu sobre a cabeça de Kyra, que estava jogada embaixo de uma das árvores do seu lugar favorito na cidade. Ela estava longe, dormindo, presa em seus universos infinitos de sonhos, nas inúmeras possibilidades de vidas.

Os olhos que abriram não eram mais os seus, mas sim, de outra coisa, faminta, poderosa, nova. Ela levantou-se sob pernas fortes apesar de trêmulas, seu vestido estava coberto de sangue seco que a chuva aos poucos umedecia. Caminhou de volta para o carro, ninguém estava por perto por causa da mudança no tempo.

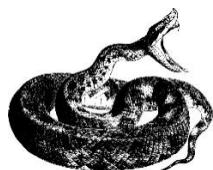
Atrás do volante, ela encarou o rosto no retrovisor. Uma máscara em carne-viva pulsante, vermelha e ardente. O nariz estava tão inchado que não a permitia respirar direito. Às vezes, Kyra saía dos seus sonhos e se via perto do próprio corpo querendo tomar o controle, mas a voz voltava a sussurrar seus “S” que atraíam a sonolência.

“É como as serpentes que hipnotizam...”, ela pensava de forma incoerente em algum nível de outra existência.

O carro estacionou em frente à porta da casa de Júlio, ali Kyra havia conversado com Vera, mas ela estava morta. Nada fazia sentido. O menino estava parado, encostado no portão da sua antiga casa, em meio a chuva. Seu cabelo estava escorrido sobre a testa.

Júlio entrou pela porta de trás do carro, os olhos da nova Kyra o fitaram pelo retrovisor. Eles se reconheceram naquelas retinas elípticas, reptilianas, demoníacas.

— Está na hora, mãe. Está na hora. Estou tão feliz que esteja comigo de novo, mamãe!



Depois do episódio no qual Kyra estava suspensa no teto, como uma mariposa ou uma lagartixa, Maya não conseguiu voltar a se sentir bem. Enquanto a irmã estivesse em sua casa seria assim. Ela tentou ignorar, no outro dia levantou e foi para o trabalho tentando convencer a si mesma que o tempo iria fazer as coisas voltarem aos eixos. Mas, durante aquele dia, Maya teve a certeza de que nunca mais as coisas voltariam a ser como antes.

No trabalho, estava distraída, sua mente voltava à imagem da irmã no teto a todo momento, ela não conseguia prestar atenção em seus pacientes. Voltou para casa mais cedo e encontrou o lugar vazio. Sérgio estava na loja — ele tinha uma loja de motos — e Kyra deveria estar lá, mas não estava. Maya sentiu alívio e torcia para que a irmã tivesse ido embora. Ao conferir o quarto no qual ela estava, o seu alívio acabou e a angústia voltou a dominá-la. As coisas de Kyra permaneciam lá.

A dor começou nas costas. Maya sentou-se no sofá depois de ingerir o comprimido para dor, mas ela não encontrava uma posição em que ficasse confortável. O incômodo alcançou a sua barriga e a dor se intensificou ao ponto de paralisar suas pernas, deixando-as dormentes.

“O bebê...”, Maya se lembrou e apertou o ventre, algo lá dentro se contorcia em espasmos violentos, como se algo estivesse expulsando o corpo estranho. Ela gritou e se encolheu o máximo que a coluna permitiu. Tentou esticar o braço e pegar o telefone, precisava ligar para Sérgio, mas o telefone estava longe do seu alcance.

Maya começou a respirar fundo, o suor frio escorria em cascatas por sua testa, a dor piorava, alcançando o ápice, fazendo-a urinar. Sem conseguir se mover, Maya começou a gritar por socorro, mas na região as casas ficavam afastadas. Ela sempre gostou de se manter alheia à vizinhança e agora precisava muito que alguém a ouvisse.

Continuou gritando dando vazão à dor. Seus gritos se tornaram berros, fazendo a garganta secar e doer.

A porta da sala se abriu devagar e Maya agradeceu a Deus.

— Graças a Deus! Me ajude! Sérgio!

Ela estendeu a mão e tentou se levantar, mas, ao esticar o corpo para sair do sofá, sentiu o golpe violento da dor no seu baixo ventre que a fez se curvar de novo. Maya escorregou no sangue que vertia entre suas pernas e caiu sobre os joelhos trêmulos.

Kyra entrou pela porta acompanhada de um garoto, ambos estavam encharcados. Lá fora, os trovões ecoavam. Júlio ficou parado na porta enquanto ela se aproximava da irmã caída em uma poça de sangue que crescia ao seu redor.

— Kyra, ai, Kyra do céu, estou morrendo, é tanta dor.

— Calma, querida.

Maya agarrou as mãos da irmã com as suas pegajosas do próprio sangue, respingos vermelhos pintando seu rosto branco.

— Me ajude, KYRA! — Ela gritou próxima ao rosto avermelhado, inchado e esfolado da irmã. No transe da sua dor, Maya não se importou com aquela aparência, a dor deixava tudo confuso e nebuloso. Ela fechou os olhos, que apertavam gordas lágrimas, entregando-se ao sofrimento. Não conseguia sequer gritar mais.

Kyra levantou-se, livrando-se das mãos da irmã.

— Eu deveria dizer que sinto muito, Maya, mas não sinto. Isso é só o que merece.

Maya abriu os olhos, estava recostada no sofá, gemendo e respirando com dificuldade. Ela chutou o ar algumas vezes, tentando se levantar, mas cada mínimo movimento era um forte golpe de dor por todo o seu corpo.

— O... quê? — Maya murmurou e sentiu uma onda de calafrios, ela estava na presença de algo maligno que sombreou toda a casa e baixou muito a temperatura.

— Nós fizemos isso, mãe? — Júlio era apenas uma silhueta aos olhos de Maya, um pequeno demônio de cabeça grande.

— Sim. Em nossa presença, os ímpios sucumbirão.

Kyra não tinha a voz dela, era algo sussurrado e agourento. Maya tentou rastejar para longe, mas escorregava sem sair do lugar por causa do seu sangue.

— Nós vamos esperar o seu namorado, Maya. Queremos ele.

Kyra sentou-se na cozinha e ficou observando a irmã sofrer até perder os sentidos. Em algum nível da sua consciência, ela sentia a dor na irmã em seu coração, mas os sentimentos não lhe pertenciam mais. Kyra perambulava longe, perdida em outros tipos de mundos irreais.

Padre Carmo era grato por sua sensibilidade extrema, por causa dela podia prever muitos percalços e se preservar, mas, naquele dia, seu senso premonitório não o alertou a tempo. Quando o táxi parou na casa de Maya e Sérgio, Carmo viu o carro de Kyra parado, as portas abertas. Ele sabia que talvez tivesse chegado tarde demais. Sérgio chegaria ali a qualquer momento, pois ele ligara para ele antes de ir. Carmo não sofreu apenas um mau presságio, ele havia sonhado, e nunca ignorava os sinais.

Desde aquela manhã, depois de ver Kyra, ele sabia que algo muito ruim aconteceria enquanto ela estivesse na casa da irmã. Carmo não esperou Sérgio chegar, ele entrou na casa, a porta da sala estava entreaberta. A primeira coisa que sentiu foi fortes arrepios e cheiro de sangue. Ele entrou pela sala e viu Maya caída, desmaiada entre os sofás.

Carmo correu para socorrê-la, mas foi surpreendido por Kyra parada na cozinha enquanto um garoto estava sentado na mesa balançando as pernas. O rosto de Kyra estava devastado, totalmente em carne viva. E os olhos eram terríveis, malignos e reptilianos. Enquanto ele ajudava Maya, que gemia e tentava voltar à consciência, a deitar-se no sofá, Kyra se aproximou com um sorriso muito largo que deformava seu rosto, fazendo sua antiga marca do corte na bochecha abrir e deixando a arcada dentária exposta.

— Em nome de Deus — Carmo virou-se de repente para ela, que parou de caminhar. Ele ergueu o crucifixo que trazia no peito ao alto. — Eu ordeno que se afaste! Espírito profanador! Cavaleiro do caos, da peste e da desordem! Em nome do Senhor Jesus Cristo!

Kyra começou a gargalhar numa voz gutural misturada aos resquícios da voz original da professora.

— Padre Giovanni, como pode ser tão tolo? Eu só quero ver a minha irmã. — Ela avançou mais dois passos, se colocando frente a frente com ele.

Padre Carmo sentia todo o seu corpo ceder à tensão. A casa estava tremendo, as paredes expulsavam quadros, os móveis saíam do chão e expeliam os objetos que sustentavam. A televisão voou diretamente na direção de Carmo, que desviou a tempo.

— Em nome de Deus, eu ordeno que me diga o seu nome! Qual é o seu nome??

— A voz sempre baixa e suave de Carmo estava rouca e alta em toda a sua potência.

— Blá-blá-blá, padre Giovanni, Deus-Deus-Deus fodeu sua mãe, não foi? Você fodeu a mamãe, padre Carmo? Ela pegava no senhor e era gostoso, não é?

— Em nome de Deus — Carmo fechou os olhos tentando conter a força magnânima daquela presença, tentando resistir ao ódio, à tristeza, à dor que ela infligia na alma humana. — EU ORDENO: QUAL É O SEU NOME?

Nesse momento, Sérgio entrou pela porta e quebrou a concentração da criatura, que virou a cabeça para ele, abrindo o seu sorriso rasgado. Sérgio ficou paralisado, em estado de choque, vendo a cena que estava montada à sua frente. Todos os móveis caíram de uma vez, fazendo um estrondo ensurdecedor em consonância com os trovões do lado de fora.

— Maya! — Sérgio correu na direção do sofá, mas daquela vez foi o menino Júlio que o impediu aparecendo na sua frente.

— Padre Carmo! — ele gritou para o padre que ainda mantinha o crucifixo erguido, sem tirar os olhos de Kyra. — O menino... Ele também...?

Júlio abriu a boca como se fosse gritar, mas seu queixo despencou de forma inumana até o centro do peito. Moscas voaram de dentro da sua boca e infestaram toda a sala com zunidos perturbadores.

— Sérgio! — Carmo gritava, os móveis começavam a se projetar para cima deles. — Vá para o quarto! Leve a Maya! Sérgio! Se proteja! Isso é mais do que você pode aguentar!

— Não! Carmo! E você? — Sérgio conseguiu passar por Júlio, que ainda soltava as moscas, e agarrou Maya, agradecendo por ela estar desacordada. — Padre, vamos! Vamos embora daqui! — Sérgio estava com a mulher nos braços, seus olhos eram de puro assombro.

Kyra mantinha os olhos atentos nos dois e o sorriso rasgado imóvel no seu rosto devastado, a cabeça levemente inclinada a observá-los.

— Filho, vá embora! Eu preciso passar por isso, eu estou com o Senhor, Sérgio. Eu não tenho mais medo, filho, eu não posso deixar o Mal perseverar. Kyra foi embora... Vá!

Um quadro voou na direção deles acertando a cabeça de Carmo, que cambaleou e baixou a guarda, soltando o seu crucifixo. Isso fez Kyra avançar alguns passos, ignorando a fuga de Sérgio, que levava Maya. Júlio também caminhava na direção do padre, eles não estavam mais interessados no casal.

Antes de sair pela porta da sala, Sérgio olhou para o seu amigo cercado pelos dois enquanto a casa toda criava vida entregue à vontade diabólica daquelas entidades. Naquele momento, ele soube que Giovanni Carmo era mesmo o homem mais corajoso e santo que havia conhecido. Os seus olhos estavam firmes, ele se mantinha de pé mesmo com um corte na testa sangrando, o crucifixo estava de novo no alto e a expressão era dura e confiante. Ele estava com o seu Senhor, foi isso que Sérgio ouviu, e não havia ali nenhum traço de medo, dúvida ou pavor. Carmo encarava o rosto do Mal personificado em Kyra com valentia.

— Eu Ordeno...

Sérgio correu na direção do carro de Maya para levá-la para longe, sentindo-se diminuído e acovardado. Carmo havia perguntando se ele sabia a força que o Mal tinha, a sua potência. Sérgio podia imaginar, mas a realidade era pior, pior do que qualquer ideia que ele poderia ter sobre o Mal. Nenhum pesadelo alcançaria aquilo e ele deu partida no carro, cantando os pneus, orando para que Carmo saísse daquela inteiro.

— Padre, padre. — Kyra, sim, era a voz pura e fatigada de Kyra. Carmo abaixou a cruz e prestou atenção. Ela estava dobrando-se sobre si, o rosto sofrendo e sangrando. — Carmo, me ajude, pelo amor de Deus! Eu não queria. PADRE, estou queimando!

— Kyra, minha filha. — Ele a segurou pelos ombros. Júlio, nesse momento, avançou sobre ele, arrancando parte de seu pescoço numa mordida. Carmo se ergueu e o jogou contra a parede.

— Em nome de Deus! Eu ordeno que me diga o seu nome! — Ele avançou na direção do garoto que respirava com dificuldade jogado ao chão.

Kyra choramingava cada vez mais alto atrás de Carmo, seu choro era de quebrar o coração. Carmo virou o rosto na direção dela, que se contorcia no meio da sala.

Júlio caiu num estado de inconsciência, os olhos fixos em algum ponto à frente. Carmo voltou sua atenção para Kyra, ele se sentia cada vez mais esgotado, as energias drenadas, seus traumas chacoalhando sua mente. A mãe que o tocava no banho, o medo do pecado, do pai, de não ser puro. O Mal que crescia nele cada vez que a mãe o tocava.



Carmo sacudiu a cabeça, afastando seus piores sentimentos. E orou com força para que Deus levasse para longe aqueles tipos de sensações.

— Eu não sou o meu ódio, Deus. Esse ódio não é meu. Eu não sou essa amargura. Deus, me livre dessa opressão. — Carmo vociferava enquanto estendia a mão sobre a cabeça baixa de Kyra em agonia. — Livre essa criança da força nefasta dessa criatura, Deus! Lave sua alma! Lave a sujeira do seu espírito! Deus, traga a sua paz.

Ela levantou a cabeça e olhou para ele, o sorriso rasgado estava ali de novo. Ela segurou forte a mão de Carmo, puxando-o para perto.

— ABYZOU ESTÁ AQUI! SEU PORCO IMUNDO!

Carmo abriu a boca para gritar a mais potente oração, mas a garganta estava bloqueada. O sorriso dela invadiu sua mente trazendo à tona todos os piores sentimentos que ele acumulou durante a vida. Lágrimas escorriam por seu rosto magro, tornando-o mais velho a cada minuto. Carmo sucumbiu aos poucos, ajoelhando-se diante dela enquanto Kyra o subjugava, segurando seu pulso.

— Você é tão fraco, homem. Tão fraco e pequeno.

Carmo tentava articular as palavras, tentava voltar a acreditar em si mesmo e na força de Deus, na luz na qual sempre caminhou. Durante toda a vida vigiou sua alma para afastar as forças do Mal; naquele momento, porém, diante da face do verdadeiro Mal encarnado, Carmo se sentiu quebrado, torto e drenado.

A boca rasgada de Kyra abocanhou a sua num beijo violento. O sangue escorreu por seu queixo enquanto ela sugava sua língua e a mastigava. Carmo não conseguia se mexer, sentiu a primeira serpente descer pela garganta fazendo movimentos rápidos. Depois dela, as outras muitas seguiram invadindo-o por inteiro. Algumas escapavam pelo nariz, ouvidos, e até canais lacrimais. Kyra afastou-se e observou o corpo de Carmo sucumbir aos poucos no chão da sala.

Ela virou o rosto na direção do menino Júlio, inerte, olhos opacos. Ao se aproximar, conferiu que o receptáculo da criança não suportara a força da sua entidade. O seu menino-demônio, aquele pelo qual ela tanto lutou para se fazer vivo no ventre de uma pecadora. Kyra abraçou o corpo do menino e fechou os olhos dele, sentindo a força da fúria tomar conta de si, a sua fraqueza trêmula em não conceber um filho. O seu grito animalesco fez parte da cozinha explodir, o fogo aos poucos se alastrou por toda a casa. Kyra saiu pela porta antes que a casa inteira explodisse. Deixou o antigo carro da

professora para trás e caminhou a pé pelas ruas do bairro até sair dali. A irmã, Maya, estava em algum lugar com Sérgio. Ela sabia, e sabia quem iria carregar seu filho.

— Maldito ventre vazzzzzio. — Kyra esmurrou o próprio corpo. A sua parte real, perdida e enfraquecida, chorava e arranhava a própria mente. — Fique quieta, ssua puta. Vá dormir.

Atrás de si, Kyra deixava um rastro de pegadas vermelhas, o seu rosto começava a sangrar cada vez que uma onda de fúria a invadia. E Kyra nunca havia se sentido tão diabolicamente furiosa.

## Autora



Larissa Prado é natural de Goiânia, escritora independente de horror. Suas publicações: Coletâneas: **“Tratado Oculto do Horror”** (2016), **“Miríade- temática livre”** (2017), **“Linha Tênu e – contos sobrenaturais, de terror e suspense”** pela editora Andross. **“Espinhas e Rosas”** (2017) pela editora Illuminare. Ebooks: **“A arte do terror: Memento mori”** (2016), **“A arte do terror volume 2, volume 3 e volume 4”**; **“A arte do terror: Cartas e edição comemorativa”** (2017) do projeto A Arte do Terror pelo selo independente Elemental Editoração. **“Flores Mortas”** (2017), **“Herança Maldita”** (2018), **“O espírito do Halloween”** (2018), **“Obscuro”** (2018). O livro **“A Sombra vinda das trevas – contos cósmicos”** (2017) pelo selo Elemental Editoração. **“O uivo do Lobo”** (2019) pela Editora Albatroz.

Para mais textos: [recantomacabro.com](http://recantomacabro.com)